



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**COM OS PAIS DE JÉSSICA NO PLANALTO: UM ESTUDO SOBRE A ASCENSÃO
DO ÓDIO DE CLASSE NO BRASIL A PARTIR DE DOIS LONGAS DO CINEMA
NACIONAL CONTEMPORÂNEO**

Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães

Rio de Janeiro/ RJ
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**COM OS PAIS DE JÉSSICA NO PLANALTO: UM ESTUDO SOBRE A ASCENSÃO
DO ÓDIO DE CLASSE NO BRASIL A PARTIR DE DOIS LONGAS DO CINEMA
NACIONAL CONTEMPORÂNEO**

Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Capeller


Rio de Janeiro/ RJ
2017

**COM OS PAIS DE JÉSSICA NO PLANALTO: UM ESTUDO SOBRE A ASCENSÃO
DO ÓDIO DE CLASSE NO BRASIL A PARTIR DE DOIS LONGAS DO CINEMA
NACIONAL CONTEMPORÂNEO**

Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

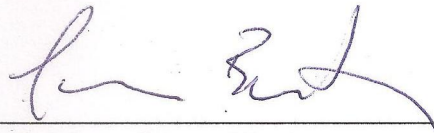
Aprovado por



Prof. Dr. Ivan Capeller – orientador



Prof. Dr.ª Maria Guiomar Pessôa de Almeida Ramos



Prof. Dr.ª Ivana Bentes Oliveira

Aprovado em: 18/12/2017

Grau: 10/10

GUIMARÃES, Henrique Juliano de Macedo Soares.

Com os pais de Jéssica no Planalto: um estudo sobre a ascensão do ódio de classe no Brasil a partir de dois longas do cinema nacional contemporâneo/ Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2017.

58 f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2017.

Orientação: Ivan Capeller

1. Ódio de classe. 2. Brasil. 3. Golpe de 2016. 4. Cinema brasileiro. I. GUIMARÃES, Henrique Juliano de Macedo Soares (Ivan Capeller) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Com os pais de Jéssica no Planalto: um estudo sobre a ascensão do ódio de classe no Brasil a partir de dois longas do cinema nacional contemporâneo

Para Graça (*in memoriam*), Lúcia, Cococa (*in
memoriam*), Rosa e Normandio.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Rita e Fabio pela minha formação, pela preocupação, pela presença sempre e pelo amor.

Aos meus irmãos Thiago, Felipe e Marina pelo laço de afeto e por mostrarem o mundo ao irmão caçula e temporão.

Ao meu orientador Ivan Capeller pela disponibilidade de sempre e por me fazer pensar.

Às professoras Guiomar Ramos, Ivana Bentes e Teresa Bastos por se esforçarem a participar desta empreitada.

Aos meus sobrinhos Breno, Tomás e Guido por me inspirarem no presente a querer um futuro melhor.

Ao meu tio Filipe pela amizade, pelo laço inexplicável, pelas oportunidades e pelos eternos ensinamentos.

Aos meus tios Fabiola, Isabel, Fernando, Ana, Dilma, Paulo, Heloisa e ao meu padrinho Luiz por fazerem parte da minha educação e por todos os lindos momentos vividos juntos.

A todos os meus primos que sempre me abriram portas, me fizeram sentir acolhido e me ajudaram a conhecer novidades na vida.

Aos meus cunhados Mari, Malu e Fernando por estarem ao lado e pelas ajudas de sempre.

À Graça (in memoriam) e à Lúcia pelo amor e pelo duro dia-a-dia dedicado em prol do meu bem-estar em toda a vida e nesses anos como universitário.

À Isabella e à Gabriela, namoradas amorosas nesses anos. Parceiras que me inspiraram, não me deixaram sentir sozinho e me fizeram feliz por muito tempo.

Aos amigos Gabriel Medeiros e Bernardo Magina, amigos que vieram do colégio pra vida e também trilharam o mesmo caminho na Escola de Comunicação. Ao Gabriel por também por me ajudar tanto no processo de “Picareterra”. Admiro-vos!

Aos amigos tão especiais que a ECO me legou: João Gila, Tiago Maranhão, Daniel Terra e Juliane Westin. Como foi (e é) bom rir com vocês.

Aos meus amigos queridos d’Os PataPHísicos Raphael Janeiro, Edson Santiago, Henrique Três, Dani Carvalho e Raphael Vianna. Parceiros pra pensar e fazer teatro. Amigos pra contar sempre.

A Pedro Daniel Bittencourt, Clarisse Monteiro, Hector Gomes, Paula Sholl, Rodrigo Reinoso e Clara Facuri pela amizade e por se entregarem ao projeto “Triângulo Entre Paredes”.

A todos que confiaram em mim e se dedicaram a levantar comigo diversos curtas na ECO, em especial “Aqui ao Lado”, “Por enquanto, eu tô aqui”, “Perdão” e “Maria que a graça esconde”.

Aos professores Paulo Oneto, Antonio Fatorelli, Fernando Salis, Anita Leandro, Fernando Gerheim, Marcio Tavares D’Amaral, Beatriz Jaguaribe, Renzo Taddei, Maurício Lissovsky, Kátia Augusta e Fernando Mansur pela relação horizontal e/ou por me levarem à reflexão.

Aos amigos e pessoas queridas que participaram, de alguma forma, desses anos de ECO: Adriana Novis, Alexandre Kubrusly, Alexandre Rozemberg, Almir Chiaratti, Amanda Salles, Amanda Amorim, Ana Carolina Barbosa, Ana Clara Ribeiro, Ana Luisa Freitas, André Veiga, Andréa Nívea, Anna Lu Machado, Arthur Rivelto, Artur Seidel, Aurélio Aragão, Babi Targino, Bernardo Girauta, Bruna Soares, Bruno Lopes, Carolina Calcavecchia, Christiane Igreja, Clara Rodrigues, Daniel Araújo, Daniel Ganc, Daniela Rosa, Duda Bouhid, Éder Montalvão, Eduardo Caldeira, Evaristo Sánchez, Felipe Bibian, Felipe Velloso, Fernanda Campello, Fernanda Jorge, Fifo, Gabo Vieira, Gabriel Maria, Gabriel Novello, Gabriela Giffoni, Gé Lisboa, Giovanna Dionísio, Hugo Rocha, Igor Leite, Isadora Boschioli, João Pedro Martinez, Julia Dias, Julia Serran, Julianna Firme, Kalindi D’Elia, Leonardo Fiuza, Lobo Mauro, Lucas Abreu, Lucas Millecco, Luis Antonio Leite Pinto, Luis Fernando, Luísa Lucciola, Luísa Novis, Luisa Rodrigues, Luiz Augusto Souza, Mainah Leite, Marcelo De Paula, Maria Adelina Dionísio, Maria Clara Senra, Mariana Moraes, Marina Pompeu,

Matheus Oberg, Miguel Bustamante, Miguel Moraes, Milla Mascarín, Monaliza Souza, Nina Solon, Pedro Florim, Pedro Freitas, Pedro Pereira, Pedro Veiga, Rafael Ostrovski, Rafael Soares, Rafael Spínola, Raquel Gandra, Rebecca Monteiro, Ricardo Guerreiro, Roberto Araújo, Rodrigo dos Santos, Sábata Moraes, Tamires Nascimento, Thaís Lopes, Thiago Tarsitano, Thor Weglinski, Victor Cumplido, Vinicius Melo

E outros que direta, ou indiretamente, me ajudaram nessa caminhada...

Nós somos um empreendimento escravagista fodidor dos corpos extremamente bem-sucedido. Deu certo até hoje, com sobras. A nossa chance é começar a dar errado, como indivíduos e coletividade, com a maior urgência.

Luiz Antônio Simas

GUIMARÃES, Henrique Juliano de Macedo Soares. **Com os pais de Jéssica no Planalto: um estudo sobre a ascensão do ódio de classe no Brasil a partir de dois longas do cinema nacional contemporâneo**. Orientador: Ivan Capeller. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Radialismo) – Escola de Comunicação, UFRJ.

RESUMO

Este estudo afirma que houve uma ascensão e acirramento do ódio de classe no Brasil durante os últimos quinze anos e que este fato foi exponencial para o advento do golpe de estado de 2016. O projeto se baseia em dois longa-metragens locais produzidos recentemente: *Casa Grande* e *Que Horas Ela Volta?*. As narrativas das denominadas produções são articuladas com o pensamento de alguns intelectuais que, de certa forma, corroboram a afirmativa do estudo.

Palavras-chave: Ódio de classe, Brasil, Golpe de 2016, Cinema brasileiro.

ABSTRACT

This enquiry affirms that has been a rise and increase of class hatred in Brazil during the last fifteen years and that this fact was essential to the advent of the coup d'état of 2016. The project is based on two recently produced local feature films: *Casa Grande* and *The Second Mother*. The narratives of the aforementioned productions are articulated with the thoughts of some intellectuals who, to a certain extent, corroborate the affirmation of the enquiry.

Keywords: Class hatred, Brazil, Coup d'état of 2016, Brazilian cinema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CASA GRANDE E SENZALA: UMA ELITE AOS POUCOS TIRA A MÁSCARA.....	17
1.1 A ELITE.....	17
1.2 CASA GRANDE E SENZALA.....	20
1.3 EMERGE UM SENTIMENTO CONTIDO.....	26
2. <i>QUE HORAS ELA VOLTA?</i>: OS CONTRAPONTO	35
ÓDIO.....	35
2.1 A GERAÇÃO DA TRADIÇÃO ESCRAVISTA.....	35
2.2 A GERAÇÃO DO SÉCULO XXI.....	40
2.3 O ÓDIO SEM PUDORES.....	46
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho se refere a uma declaração da diretora Anna Muylaert, ao receber um prêmio do Jornal O Globo por *Que Horas Ela Volta?*: “Eu dedico esse prêmio a todas as Jéssicas da vida real. E dedico ao pai e à mãe desses jovens, que são o ex-presidente Lula e a presidente Dilma.”

O ano é 2016. Uma crise política se estende a partir da não aceitação de mais uma derrota nas eleições presidenciais contra o Partido dos Trabalhadores (PT) por parte da direita representada pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em 2014. Essa crise se intensifica com a aceitação de um pedido de impeachment da Presidenta da República eleita, Dilma Vana Rousseff, por parte do então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, no final do ano de 2015. A pressão midiática, que tem como grande alavanca diversas manifestações capitaneadas pela elite e pela classe média das capitais, associada ao trabalho de bastidor de figuras como o próprio Eduardo Cunha e o então Vice-Presidente da República, Michel Temer, derruba a Presidenta Dilma. Em meio a tudo isso, a Operação Lava-Jato confere ao Poder Judiciário um protagonismo ímpar na história brasileira. O que se segue é o aprofundamento progressivo de uma crise política sem fim, que destrói a economia brasileira e denota um enorme avanço da agenda conservadora no Brasil.

No entanto, o avanço do conservadorismo no Brasil não tem a ver somente com o avanço da ideologia fascista em outros lugares do mundo, que levou Marine Le Pen ao segundo turno das eleições francesas e alçou o protecionismo de Donald Trump à Casa Branca. No caso brasileiro, é uma reação às políticas de diminuição da desigualdade que duraram mais de uma década e que tiveram sucesso nos governos de Lula e foram continuados por Dilma Rousseff. A manutenção desta política gerou uma enorme reação após as eleições de 2014, quase como uma erupção de ódio de classe, antes retida parcialmente, por parte das classes dominantes e da classe média. Embora essas elites argumentem que estavam lutando contra a corrupção no Brasil, essa corrupção não poderia estar localizada apenas no partido que esteve na Presidência da República de 2003 até 2016. Aliás, foi o adversário de Dilma Rousseff, Aécio Neves, que teve casos de corrupção recentemente confirmados. Já contra Dilma, nada apareceu de concreto até o momento. O discurso da corrupção é uma das formas que o “topo da pirâmide” do dinheiro utiliza para manter a classe média sob seus domínios, e esta ação se dá através dos grandes meios de comunicação. “O debate sobre a

corrupção no Brasil sempre foi um faz de conta, um tema de conveniência e oportunidade, não de princípios” (HADDAD, 2017, p. 36). A pergunta que Jessé Souza faz, e que tentamos destrinchar parcialmente a resposta neste estudo, é: “Como a agenda da moralidade no Brasil foi construída paulatinamente para combater a agenda do combate à desigualdade?” (SOUZA, 2016, p. 65-66).

Com o advento das políticas de inclusão, a classe média brasileira passou a se ver cada vez com menos possibilidade de exercer poder sobre as classes mais pobres e se sentir burguesa, como o Brasil sempre ensinou a ela: pisando no outro para reinar em meio à desigualdade. O ódio de classe no Brasil proveniente das ações dos governos do PT tem como símbolo o claro horror da elite ao observar os proletários de sempre e seus filhos frequentando os mesmos aeroportos e as mesmas universidades que eles e sua prole.

A política é algo fundamental a ser discutido na Escola de Comunicação, inclusive como já indicam diversas cadeiras do nosso ciclo básico de ensino. Fazer o debate através de obras filmicas é uma forma de utilizar conceitos amplamente debatidos em boa parte das disciplinas ministradas durante o curso de Rádio e TV (ou Radialismo). Diante disso, esta monografia visa observar esse movimento crescente do ódio de classe no Brasil a partir de duas obras cinematográficas do mesmo período que se situam nos dois maiores centros urbanos do Brasil: *Casa Grande*, de 2014, dirigido por Fellipe Gamarano Barbosa, conta uma história que se passa no Rio de Janeiro; e *Que Horas Ela Volta?*, de 2015, dirigido por Anna Muylaert, em São Paulo.

Na introdução deste estudo, julgo importante citar o longa-metragem *O Som Ao Redor*, de 2013, dirigido por Kleber Mendonça Filho. Embora o referido filme não seja um objeto direto de análise neste estudo, creio que ele serve de prelúdio para a questão da ascensão do ódio de classe, mote pelo qual pretendemos fazer a análise de *Casa Grande* e *Que Horas Ela Volta?*. *O Som Ao Redor* é produzido um ano antes de *Casa Grande* e dois antes de *Que Horas Ela Volta?*, e muito do que a sua narrativa aborda pode nos fazer pensar sobre a luta de classes no Brasil e como ela se dá nos centros urbanos brasileiros. Sua abordagem da relação opressor/oprimido é, muitas vezes, tácita e tensa, e a mixagem de som – o título da produção está diretamente ligado à ela – opera decisivamente para a instauração desse clima. A narrativa se passa no Recife e expõe a gentrificação num dos bairros mais conhecidos do Brasil: Boa Viagem (neste caso, mais especificamente na sua subdivisão de Setúbal). Esta mesma temática, ambientada no mesmo bairro, é novamente discutida pelo longa-metragem

seguinte de Mendonça Filho, *Aquarius*, de 2016. Não por acaso, a *première* de *Aquarius* no Festival de Cannes de 2016 contou com protestos de sua equipe contra o golpe de estado que já estava em curso.

O Som ao Redor nos mostra diversas figuras oprimidas pelo nosso sistema e que, mesmo sendo nordestinos que não foram buscar o seu trabalho nas capitais mais ao sul, pouco diferem daqueles que são massacrados pelo *status quo* em cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo. Os personagens Maria, Cleide, Sidiclei, Luciene, Clodoaldo ou Fernando no filme pernambucano, pouco diferem de Rita, Severino e Noêmia em *Casa Grande* ou Val, Edna e Raimunda em *Que Horas Ela Volta?*, muitos deles nordestinos. A narrativa do longa de Mendonça Filho transporta para o Recife questões históricas, e remanescentes da escravidão, do meio rural açucareiro do período de pujança na região. Inclusive, o filme começa com diversas fotos das casas grandes e camponeses dos engenhos no estado que também ficou conhecido pelas cooperativas e pela política progressista de Miguel Arraes logo antes do golpe de estado de 1964. Na Boa Viagem contemporânea vemos a classe média se cercar de muros e vigilâncias 24 horas por dia; vemos a vizinha atacando violentamente Bia – uma das protagonistas – motivada pela inveja do tamanho, em polegadas, da nova televisão alheia. Por mais que a algoz pareça ter uma patologia psiquiátrica, é a inveja e a competição pelo espaço pequeno-burguês que a leva às vias de fato; vemos o desprezo da classe média com relação aos oprimidos e as reações silenciosas destes, como riscar a lataria de um automóvel; vemos os justiceiros chegarem ao bairro com o intuito de proteger a elite e, mesmo que equivocadamente para o seu líder – Clodoaldo – Fernando evoca a história de Lampião.

Mas, certamente, poucas cenas nos interessam tanto em *O Som ao Redor* quanto a sequência da reunião de condomínio. Ao defenderem a demissão por justa causa do porteiro Agenor, que trabalha no condomínio há treze anos, alguns moradores do prédio onde vive João – outro protagonista – emitem as seguintes frases, que já nos mostram claramente a erupção do ódio de classe sobre a qual estamos falando: “Ele tá provocando essa situação”; “Gente, eu tenho recebido a minha *Veja*¹ fora do plástico”; “Não vou nem falar da grosseria na portaria, não cumprimenta ninguém...”; “É um abusado!”; “É por isso (*por Agenor dormir no sofá da portaria*) que o sofá tá manchado”; “Aqui não é uma instituição de caridade”. Numa

1 Revista *Veja* – Semanário publicado pela Editora Abril conhecido por reportagens muitas vezes falaciosas mas que, sobretudo, alimenta a opinião de um determinado segmento social brasileiro: a pequeno-burguesia ou classe média. Ficou conhecida por ser uma das principais propagandistas dos eventos que levaram ao golpe de estado de 2016.

cena mais adiante, é o comportamento de Dinho – primo de João – que mostra o discurso de alguns filhos das elites brasileiras, carregado de desprezo ou ódio contra os pobres: - “Essa rua daqui ó, é da minha família (...) Gente grande, de dinheiro. Aqui não é favela não, véi!”. Os mesmos seguranças da rua que ouvem esse discurso de Dinho contra eles e nada fazem, são os mesmos que depois irão socar um menino negro, praticamente uma criança, que estava escondido no topo de uma árvore, sem camisa e descalço. Apenas isso. Por fim, o “embate final” dos irmãos Clodoaldo e Claudio com Francisco expõe a resolução de um conflito rural em pleno centro urbano. É um novo Brasil, mas ainda escravagista – o contraponto dos bairros ricos do Recife, com um interior antes opulento, hoje decadente, é um dos motes do filme.

O João de *O Som ao Redor*, interpretado por Gustavo Jahn, assim como a Clara de *Aquarius*, interpretada por Sônia Braga, representam um lugar quase autoral do diretor Kleber Mendonça Filho. São espécies de “bons pequeno-burgueses” com os quais os espectadores como eu – branco, de classe média, da zona sul do Rio de Janeiro – costumam se identificar e passam a questionar as suas próprias atitudes. Não podemos deixar de dizer que, por mais que a hierarquização social brasileira seja extremamente peculiar, a situação de toda a América Latina é análoga. E o filme hispano-argentino *Relatos Selvagens (Relatos Salvajes)*, de 2014 – ou seja, do mesmo período que todos os longa-metragens brasileiros citados – dirigido por Damián Szifron, também é um importante objeto de reflexão para a construção das prerrogativas que levam à hipótese afirmada por este estudo.

Aproveitando esta introdução para trazer alguns aspectos pessoais ligados ao autor do estudo, sem dúvida este trabalho ajuda a observar a minha trajetória na própria universidade. Entrei na mesma em pleno governo Lula, havia um otimismo e muitos diziam que diversos problemas vividos na Escola de Comunicação poucos anos antes estavam dirimidos ou, pelo menos, estavam menos aparentes. No governo Dilma, vivemos a primeira greve docente desde o governo de Fernando Henrique Cardoso, mas o perfil geral dos alunos ia se modificando pouco a pouco, evidenciando as políticas de inclusão. Hoje, por mais que os ganhos sejam conquistas ainda presentes, a UFRJ parece retroceder - assim como o resto do Brasil. Durante muito tempo, fui mudando o meu projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso. Mas foi em 2016 que decidi que não poderia fugir da questão sócio-política no Brasil e do golpe de estado que mudou demais a minha visão de mundo e a minha participação política. Por mais que o golpe de 2016 seja algo extremamente complexo – ainda mais

considerando-se sua relação com as surpreendentes jornadas de junho de 2013 – me parece que olhar para o ódio de classe seja escolher um enfoque dos mais decisivos, talvez o mais decisivo, para o que ocorreu em 2016 e ainda vem ocorrendo neste período anterior às eleições de 2018.

Voltando às produções nas quais o desenvolvimento deste estudo irá se basear, a questão das cotas para o ingresso nas universidades é escancarada por *Casa Grande* e *Que Horas Ela Volta?*. Se, em *Casa Grande*, o debate se dá no interior dos próprios diálogos da narrativa, em *Que Horas Ela Volta?* situa-se no cerne da intriga. A necessidade da aparência como algo que confere poder na sociedade brasileira permeia esses dois filmes. As obras nos ajudam a observar as especificidades do poder do capital nos centros urbanos brasileiros, principalmente com o intuito de identificar de onde emerge esse ódio de classe no Brasil que, curiosamente, se dá muito mais de cima pra baixo, do que de baixo pra cima. Algo que, de tão contraditório, ajuda a dar conta do quanto o país foi sempre construído para privilegiar poucos, seja através da constante tentativa de manter as massas na ignorância, seja golpeando a democracia quando a classe dominante de sempre perde um pouco a sua primazia.

Analisar e estudar a recente erupção do ódio de classe no Brasil é também entender um pouco melhor as origens do golpe de estado que ocorreu no país em 2016. Como afirma Jessé Souza:

(...) as transformações recentes na estrutura de classes da sociedade brasileira criaram novos conflitos e preconceitos de classe que antes estavam adormecidos. Esse foi o verdadeiro pano de fundo, sobre o qual até agora não se refletiu e discutiu adequadamente, que possibilitou o golpe. (SOUZA, 2016, p. 14)

CAPÍTULO 1 – CASA GRANDE E SENZALA: UMA ELITE AOS POUCOS TIRA A MÁSCARA

1.1 – A ELITE

A tese de que houve um acirramento no ódio de classe no Brasil durante o decorrer dos governos petistas é defendido e exemplificado por diversos intelectuais brasileiros de esquerda, tais como Jessé Souza, Marilena Chauí, Luiz Gonzaga Belluzzo e Marcia Tiburi – esta última aprofunda a ascensão do fascismo no Brasil a partir da escancarada presença da misoginia na destruição da imagem da presidenta deposta. Para este estudo, vamos nos utilizar destas análises. No entanto, os principais materiais de estudo serão os filmes escolhidos. Devido às suas construções narrativas intimamente ligadas ao momento em que foram produzidos, eles utilizam muito bem a fábula como uma forma de o espectador identificar o que se viu no país nos últimos anos. A partir disso, pode se questionar e indagar acerca do que nos levou às condições em que estamos, sobretudo em relação à exposição clara e límpida do preconceito de classe da elite brasileira contra a população de baixa renda e do modo como os meios de comunicação monopolistas do Brasil seguiam suas práticas de proselitismo e propaganda contra os interesses da maioria da população.

Este primeiro capítulo analisará a produção *Casa Grande*, de 2014, embora pontos que tangenciam a outra obra também apareçam. O filme, dirigido por Fellipe Gamarano Barbosa, será o primeiro a ser analisado justamente por ter sido a primeira das duas produções, cronologicamente falando. Mas não apenas por isso. *Casa Grande* é a produção que se passa na cidade do Rio de Janeiro, cidade em que nasci e vivi boa parte da minha vida. Portanto, a base do conflito de classes exposto na narrativa é bem melhor assimilada por mim, tanto pelo perfil dos personagens e instituições que aparecem na obra, como também por uma compreensão mais ampla do fator geográfico carioca como catalisador das desigualdades na antiga capital brasileira.

Casa Grande traz em sua narrativa, logo no início, um debate, no interior da elite carioca, sobre as cotas para universidades públicas criadas durante o governo Lula. Este debate apresenta algumas das primeiras impressões deste grupo com relação às ações do ex-operário enquanto presidente. Nesse momento, essa elite ainda teme se comprometer de

maneira mais clara com a repulsa às classes proletárias: “A construção, depois de muito tempo, de uma “direita” que se assume e que sai do armário é talvez a maior novidade política do golpe” (SOUZA, 2016, p. 17).

No entanto, esse comportamento “politicamente correto” de uma grande parcela da elite brasileira seria modificado com a possibilidade de mais quatro anos governados pelo mesmo partido, um partido que se alinhava aos interesses das camadas mais pobres, embora tenha beneficiado enormemente setores ricos da sociedade brasileira. Olhar para este filme como introito do estudo, através deste primeiro capítulo, faz com que consigamos identificar os embriões do crescimento do ódio de classe que culminaria no golpe de estado de 2016. *Casa Grande* apresenta a paulatina escalada da reação das elites contra a massa oprimida, ao mesmo tempo em que observamos a decadência desta mesma elite, que “sofre” por não ter condições financeiras de viver nos píncaros do mundo das aparências. Ou seja, uma pequena burguesia que luta com todas as suas forças para aparentar ser a alta burguesia, ou parte dela. E para que isso ocorra, um jogo de convenções tácitas precisa ser cumprido: como essa classe média e os seus filhos se comportam e que lugares frequentam, assim como de quem se aproximam. Olhar para esse jogo com o olhar de quem entende as múltiplas referências típicas do Rio propostas pelo roteiro e, ao mesmo tempo, assimilar que essa pequena burguesia, ou classe média, passou a se deparar com uma nova e diferente composição de classes no Brasil e atribuiu a isso um maior distanciamento dela com os hábitos da alta burguesia, pode nos fazer entender ainda melhor o ressentimento dessa classe contra o povo e, especialmente, contra os presidentes petistas.

Em *Casa Grande*, todo o protagonismo é da família de elite. Os demais personagens surgem em relação à família do protagonista, o adolescente Jean. Este enfoque, que é conduzido sob o olhar crítico do diretor, ajuda a destrinchar o comportamento da família, já que o próprio Fellipe Barbosa conhece muito bem a realidade dessas famílias pequeno-burguesas. Na verdade, a história de Jean é a história de Fellipe (no entanto, ele era mais velho que o personagem). Enquanto ele estudava na Universidade de Columbia, nos EUA, seu pai faliu. O mesmo acontece com Hugo, interpretado por Marcello Novaes, no filme.

Segundo Barbosa, a história foi inspirada em um período de crise financeira que sua família passou e no qual ele não estava presente por conta de um mestrado em Nova York. Para ele, o longa serviu como forma de corrigir essa ausência e se imaginar naquela situação. Inclusive, ele conta que a mãe se emocionou bastante ao término da sessão, enquanto o pai se manteve mais reservado diante da "homenagem". (VASCONCELOS, 2015)

É importante esclarecer que quando me refiro à elite, no presente estudo, falo de uma parcela da população que, claramente, vive de maneira mais confortável que a maioria. Não me refiro somente à burguesia, aos donos dos meios de produção, mas a uma fatia da população que vai desde a classe média até a ínfima minoria de endinheirados que, por sua vez, são os que historicamente mandam no país. A classe média pode também ser definida como a pequena burguesia, em oposição à alta burguesia.

Marx falava em pequena burguesia para indicar uma classe social que não se situava nos dois pólos da divisão social constituinte do modo de produção capitalista, bem como para indicar, por um lado, sua proximidade social e ideológica com a burguesia e não com os trabalhadores e, por outro, que, embora não fosse proprietária privada dos meios sociais de produção, poderia ser proprietária privada de bens móveis e imóveis. (CHAUI, 2016, p. 16).

Jessé Souza, por sua vez, subdivide a elite brasileira em grupos distintos, sobre os quais um grupo específico é absolutamente dominante, a chamada “elite do dinheiro”:

A elite do dinheiro é a “verdadeira elite” por conta do simples fato de poder comprar todas as outras elites que exercem influência variada na sociedade. Como veremos, isso não é pouco. Compra-se primeiro a elite intelectual cuja opinião possui o prestígio e o condão de influenciar a opinião de muitos, depois se compra a elite política de modo direto financiando eleições e compra-se depois, direta ou indiretamente, a elite jurídica, jornalística, literária etc. (SOUZA, 2016, p. 22-23)

Parece claro que a “elite do dinheiro” a qual se refere Jessé Souza é a burguesia detentora dos meios de produção, no sentido marxista. Ao se sobrepôr às outras elites a “elite do dinheiro” determina os caminhos de um país em prol dos seus interesses. De acordo com o próprio pensamento de Karl Marx, os estados funcionam em prol da dominação de classe. Todo estado é o estado de uma classe.

As classes dominantes, ao governarem a sociedade dividida, utilizam o aparelho do Estado para inculcarem nos indivíduos das classes exploradas a ideologia que serve para justificar a exploração. Ou, no melhor dos casos, a ideologia que prejudica qualquer ação eficaz contra o sistema que convém aos exploradores. “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes. Ou, dito em outros termos, a classe que exerce o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante”. (KONDER, 2015, p. 61)

E, no caso do Brasil, esse estado é de uma parcela escandalosamente mínima, diria micro, em relação ao todo da população. No entanto, uma parcela dessa população da qual

fazem parte as demais elites, opera em favor da dominação por parte desta “microparcela”.

Diante disso, observamos que a chamada classe média assume o ódio de classe de maneira tão feroz não apenas por querer ser a “elite do dinheiro”, mas também por ser manipulada por ela. Se não aceitar a entrada dos oprimidos nos aeroportos e universidades públicas expõe o preconceito das elites, a política de distribuição de renda e a criação de cotas diversas para ingresso nas universidades tem como operadores os governos petistas. Essa política vai de encontro aos anseios da “elite do dinheiro”, historicamente dominante. É aí que, associada às demais elites que são massa de manobra, a “elite do dinheiro” consegue derrubar uma Presidenta da República, aviltando a Constituição vigente, promulgada em 1988.

1.2 – CASA GRANDE E SENZALA

Posta esta análise breve do conceito de elite, elites, classe média, alta burguesia e pequena burguesia no Brasil, vamos ao início de *Casa Grande* para iluminar uma das principais afirmações de Jessé Souza, a de que nossa elite é fruto do nosso sistema escravocrata, consolidado desde o Brasil Colonial.

O primeiro plano-sequência de *Casa Grande* expõe um casarão, ou seja, já escancarando aquele que dá nome ao filme, com uma piscina ao fundo, ou melhor, duas. Ao som de uma suíte de valsa ou jazz, o personagem Hugo toma uma bebida, que pode ser facilmente interpretada como um copo de uísque, na menor de suas piscinas. Nesta casa vivem pessoas abastadas, mas não abastados quaisquer. Abastados com “bom gosto”, segundo os requisitos eurocêntricos. O ponto de vista que denota os fundos do terreno onde fica a casa é o tradicional ponto de vista da senzala, em referência à relação entre a elite de hoje e os casarões dos senhores de engenho, típicos do Brasil rural escravagista dos séculos XVIII e XIX. Essa relação entre casa grande e senzala fica mais evidenciada a partir da segunda sequência do filme, quando é apresentado o personagem Jean saindo escondido da casa grande rumo aos aposentos de Rita, a empregada doméstica. A visita do adolescente Jean tem como pano de fundo uma cumplicidade com Rita: como a relação de poder entre ambos não se dá da mesma maneira como entre os pais de Jean e Rita, ela representa para o rapaz um repositório de ligações com a cultura do corpo – o cigarro, o sexo – enquanto seus pais são a cultura do espírito – a música erudita, as bebidas importadas, a francofonia. Severino, o

motorista, também representa um lugar semelhante ao de Rita, mas ela, no entanto, vive no terreno da casa de Jean, na “senzala”. Assim como as escravas para os senhores de engenho, Rita representa para Jean uma possibilidade de sexo, ou melhor, de iniciação sexual. Mas, a princípio, essa possibilidade é frustrada.

Assim, consumir vinhos raros, roupas bem-cortadas, ter acesso a bens culturais e poder fruí-los passa a ser uma espécie de justificação do privilégio como merecimento de espíritos sensíveis. Do mesmo modo, o preconceito com as classes populares se funda na sua pretensa animalidade na forma de comer e se comportar. (SOUZA, 2016, p. 33)

A relação entre Jean e Rita no início da narrativa de *Casa Grande* nos obriga a observar a primeira relação humana evidenciada em *Que Horas Ela Volta?*: a relação entre Fabinho e Val. Se entre Jean e Rita a relação de cumplicidade se dá a partir de parâmetros adultos, já mediados pela libido, entre Fabinho e Val essa relação é extremamente maternal, referenciando também a cultura escravagista brasileira: a das mães ou amas negras. É de Fabinho que Val cuida na infância, e não de sua filha Jéssica. Fabinho, inclusive, pergunta por sua mãe “real”: - “Que horas ela volta?”. Se as visitas de Jean são para um encontro com o que Jessé Souza chama de “classes do corpo”, as de Fabinho a Val são para um encontro com um afeto que ele não encontra em Bárbara.

A análise das primeiras sequências de *Casa Grande* e dos binômios Jean/Rita e Fabinho/Val já leva a um dos motes abordados por SOUZA em *A Radiografia do Golpe*: “Nosso berço é a escravidão (e não Portugal), e a nossa elite é a da rapina de curto prazo, e não do projeto nacional” (2016, p. 40).

No Brasil, todas as instituições – e não apenas a justiça – foram moldadas pela escravidão. A família ampliada envolvia, como se sabe, a mulher branca e várias concubinas negras que competiam pelos favores do senhor e de sua família. Os filhos mulatos do senhor competiam muitas vezes com os filhos legítimos e os senhores tinham poderes ilimitados, tendo a permissão para matar filhos ou mandar a esposa para um asilo, caso quisessem se casar com uma mulher mais jovem. A família era, portanto, escravocrata e refletia o poder sem limites do senhor de terra e gente. (SOUZA, 2016, p. 42)

Jean é aluno de uma das escolas mais conservadoras do Rio de Janeiro, considerada referência nos resultados para os processos seletivos universitários, o Colégio de São Bento. A própria ligação com a corrente beneditina da Igreja Católica Apostólica Romana já dá conta da linha do Colégio, um dos poucos no Brasil que permite somente a presença de alunos do gênero masculino, um fator importante para as descobertas de Jean durante o desenrolar do

roteiro. Quando um professor pergunta aos alunos para quais cursos prestarão o vestibular, uma das reações do docente já denota as aspirações e anseios da pequena e alta burguesia brasileira com relação aos seus filhos: - “Só música?”.

À noite, no jantar da família de Jean, temos uma das cenas mais emblemáticas de *Casa Grande*. Depois que Sônia descobre que Hugo pedira dinheiro emprestado a Wilton, marido de uma das suas alunas de francês, é desfraldada a crise financeira da família burguesa que centraliza a trama. Na sequência do jantar, o casal, ainda sem a presença de Jean na mesa, começa a discutir o tema a partir da possibilidade de demissão do motorista Severino. No entanto, essa discussão é feita em francês para que Nathalie, a filha mais nova do casal, não compreenda. Após a chegada de Jean à mesa, surge o debate sobre o vestibular. Jean responde que escolheu Comunicação. E voltamos ao espectro da burguesia: - “Meu filho, comunicação é uma piada. Isso não é curso de gente séria.”. Ao saber que o colega de Jean, Catulé, quer fazer Economia, Hugo diz: “Grande Catulé, esse vai ser o mais rico de todos”. E segue: “A PUC é melhor em Economia. Todos os cabeças do Plano Real saíram de lá”.

Em meio a este debate, Jean introduz o tema das cotas na mesa, por considerar ser mais difícil a aprovação nesse contexto. Sem que qualquer um dê importância, Nathalie diz: “Eu sou a favor das cotas”. Posteriormente, Nathalie cobra o fato de que o pai não a escuta. Ela não é o “filho pródigo”, este é Jean, o filho homem, mais velho e considerado mais “brilhante”. Podemos perceber que a misoginia já começa no âmago das famílias burguesas e se espalha pelo resto da nossa cultura. Após a cobrança de Nathalie, Hugo é interpelado a responder sobre o que pensa a respeito das cotas universitárias: “Claro que eu sou a favor das cotas, minha filha. Os Estados Unidos tem cota, não tem? Eles chamam de *affirmative action*. Não é à toa que são a maior economia do mundo. Apesar que o certo mesmo seria consertar pela base, pelas escolas públicas. Aí sim”. No final da resposta de Hugo, ainda escutando sua fala, o quadro corta para Rita comendo sozinha na cozinha vestida com o típico uniforme imposto às empregadas domésticas no Brasil.

A cena do jantar é bastante emblemática e característica, já que a breve fala de Hugo nos remete a diversos pontos: primeiro, observamos que o ódio de classe neste momento da história brasileira (as cotas surgem com força em meados dos anos 2000 e são ampliadas e chanceladas pela chamada Lei das Cotas – a Lei 12.711 de agosto de 2012 - regulamentada por decreto da Presidenta Dilma Rousseff) não é algo que possa ser assumido deliberadamente pela retórica burguesa, a partir da etiqueta a que ela mesma se associa, uma

etiqueta ligada à social-democracia europeia e ao Partido Democrata dos EUA. No entanto, um discurso de que a reforma só pode vir da base é um prato cheio para que a elite defenda seu território e lute contra a possibilidade de entrada do proletariado na seara da elite científica, já que defender que todos tenham uma educação pública de qualidade desde a base é um discurso coerente. Todo cidadão deveria ter direito a educação pública de qualidade em todas as etapas de sua formação. Mas propiciar a entrada da parcela oprimida da sociedade nos cursos universitários é uma forma célere de corrigir desigualdades e, assim, permitir que mais crianças nasçam num contexto que as permita ter uma educação de base de qualidade, graças às oportunidades que seus pais tiveram através de cotas e afins. Obviamente, essa análise é totalmente voltada para o contexto capitalista – que é a nossa realidade. Num contexto ideal de socialismo, ou, pelo menos, de bem estar social, a educação de base deveria ser igual para todos, independentemente do contexto de vida dos seus progenitores.

Segundo, nos remete ao interesse da burguesia por determinadas medidas de governo quando se apresenta a possibilidade de maior acúmulo de capital – o que motivou muitas ações históricas, aparentemente progressistas, de parcelas da elite brasileira. Estão entre essas ações, por exemplo: o apoio às leis para o fim da escravidão, que culminariam na Lei Áurea, de 1888; o apoio à redemocratização diante do II Plano Nacional de Desenvolvimento, proposto por Ernesto Geisel, um plano extremamente protecionista; e um apoio inicial, de alguns, ao sistema de cotas, algo que poderia aumentar o mercado consumidor brasileiro, vide os EUA.

Por fim, o já conhecido “complexo de vira-lata” que faz com que a “elite do dinheiro” convença todo o resto da população de que aquilo que vem dos EUA ou da Europa é melhor, mais sensível, mais correto, mais espiritual, de melhor qualidade. Em oposição ao que vem da América Latina, da África e de grande parcela da Ásia.

Nossos intelectuais mais colonizados estão convencidos de que nos EUA, por exemplo, existiriam confiança interpessoal, *accountability* governamental, de que não existiria corrupção sistêmica, nem patrimonialismo, nem a privatização do Estado por poucos. E, finalmente, de que (santa ingenuidade!) o protestantismo ascético vigoraria até hoje. Em resumo, os EUA seriam o espírito encarnado, como exemplo de intelecto e moralidade distanciada. (SOUZA, 2016, p. 34-35)

Todo esse pensamento de que o melhor está no centro do chamado “Capitalismo

Avançado” ou “Primeiro Mundo” – conceitos desafiados pelos BRICS, IBAS e MERCOSUL² nos primeiros anos do século XXI, fóruns multilaterais que também contaram com intensa participação dos governos do PT no Brasil nas suas formações e/ou reformulações – contribuiu para o “entreguismo” brasileiro. E mais, para que se utilize o antigo discurso da corrupção sistêmica como forma de deslegitimar escolhas da população majoritária do Brasil e para derrubar aquilo que a “elite do dinheiro”, também corrupta, quer derrubar. Como afirma Jessé Souza: “A corrupção começa a se tornar com ele [Sergio Buarque de Hollanda] uma espécie de jabuticaba cultural brasileira” (2016, p. 35).

Diante disso tudo, o governo brasileiro, executando o sistema de cotas de maneira a afrontar a cultura do estado como propriedade da “elite do dinheiro”, estimula o ódio de classe como reprimenda. E, curiosamente, de cima para baixo. Não é algo racional, mas trata-se do sentimento de que aquilo que pertence historicamente a mim, não pode ser daquele que nasceu para ser explorado. No entanto, a aprovação das cotas não é o estopim para a erupção do ódio de classe que vimos ascender no Brasil recentemente – já que é aprovada nos três âmbitos de poder da União em 2012, ano em que se passa a narrativa de *Casa Grande*. Como já foi observado na introdução, é a reeleição de Dilma Rousseff, em 2014, que não foi aceita pelas elites. Mas a eleição em si é apenas um emblema. O que se queria, no fim das contas, era abolir políticas como as de distribuição de conhecimento e renda.

Voltando ao filme: na cena seguinte, a turma de Jean está na sala de aula discutindo, novamente, o sistema de cotas. Em meio a alunos que reproduzem pontos de vista positivos ou negativos com relação ao tema, Jean fica perdido e pergunta se sua professora é contra ou a favor. Não sabe se vai para a “caixa”, geralmente, mais progressista, de alguns docentes, ou para a “caixa” mais conservadora do entorno representado por sua classe social e sua família. Sobre a modesta afirmação da “caixa”, geralmente, mais progressista, de alguns docentes, é importante que se lembre da ascensão do discurso fascista sobre uma pretensa “doutrinação” por parte dos professores na atualidade. Sem dúvida, esse é mais um reflexo da erupção do ódio de classe no Brasil contemporâneo.

Além disso, há também a afirmação de Daniel, um raríssimo aluno negro na turma: -

2 BRICS – Cooperação multilateral entre os governos de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, cuja primeira reunião ocorreu no ano de 2008 (ainda sem o país africano);

IBAS – Fórum de diálogo Índia, Brasil e África do Sul, cuja primeira cúpula ocorreu em 2006;

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul, criado em 1991 por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai e que obteve importantes aprimoramentos institucionais a partir de 2002, incluindo a entrada da Venezuela como estado-parte no ano de 2012.

“Sou totalmente contra porque, na minha opinião, vai contra os princípios de igualdade do ser humano. Por exemplo, eu sou negro e me acho plenamente apto a concorrer com meus colegas brancos”. A professora responde: - “mas aí você levanta uma questão importante: você tá dizendo que você sabe que você vai conseguir porque você tá aqui junto com seus colegas”. A opinião de Daniel não só é um alento para os detratores das cotas, por vir da boca de um cidadão negro, mas expressa o quanto a nossa sociedade é regida pelos privilégios. Daniel, por estudar num colégio de elite e, provavelmente, por ser um membro da elite, pode até reconhecer a existência do racismo no país, mas talvez não consiga observar que os negros são prejudicados pela mesma sociedade que o coloca na elite. Ele tem seus privilégios e quer mantê-los, não quer “perdê-los” para outro negro. Essa é a opinião de Daniel, mas não apenas dele. É também a opinião da “elite do dinheiro”, e ele a reproduz como bom membro da pequena burguesia.

Dentre os sintomas da permanência de nossa sociedade escravocrata na atualidade, como afirma Jessé Souza e este estudo corrobora, está o racismo. Mas o racismo se manifesta de diversas formas no Brasil. Muitas vezes de maneira silenciosa, de modo que só os negros conseguem sentir. Algumas vezes verbalizada, podendo chocar a *intelligentzia* burguesa. Em *Casa Grande* assinalamos dois exemplos próximos na narrativa. O primeiro, após Hugo buscar Jean e seus amigos numa festa: Catulé é vítima da acidez brincante dos colegas por ter ficado com uma menina pretensamente “horível”, mas responde: - “Vocês só falam isso porque ela era negra, cara”. Hugo complementa: - “Eu gosto. Mas é um gosto que vocês vão adquirir com a idade, com a experiência.” Nesta breve conversa, já é possível assinalar a “vitória” dos padrões de beleza norte-americanos/europeus, que são os que habitam a suprema maioria dos lares das elites brasileiras, em acordo com o tratamento da mulher negra como um objeto exótico, sujeito a uma evolução do “gosto” masculino.

Depois, Jean é avisado que passará a ir de ônibus para o colégio. Recebe um cartão de bilhete único e uma nota de 10 reais, e Sônia diz que esta nota é para o assaltante. Os pais de Jean já o amedrontam, associando o ônibus ao assalto. A elite teme sair de seus muros, dos seus Itanhangás, com medo da ínfima reação que a população pobre tem contra a injustiça. Sentado no ônibus, Jean observa um homem negro que se senta ao seu lado. Este homem tem uma cara séria e veste roupas despojadas. Neste momento, Fellipe Barbosa faz o preconceito e o medo infundado de Jean ser dividido com o espectador burguês dos centros urbanos que já sentiu ou ainda sente esse medo. Um racismo tacitamente silencioso de Jean. E de todos nós,

burgueses.

Ao falarmos sobre racismo no contexto do ódio de classe brasileiro, não temos como deixar de citar o caso de racismo do senhor William Waack, ex-âncora do Jornal da Globo, e que foi divulgado durante a produção deste estudo através de um vídeo vazado, via internet. Em meio à cobertura da TV Globo nas eleições dos EUA, há cerca de um ano atrás, Waack, incomodado com uma longa buzina do lado de fora do estúdio – em frente à Casa Branca, em Washington – afirma que quem estava buzinando era “preto”, que aquilo era “coisa de preto”. William Waack era um representante, antes deste episódio do vazamento, da “elite jornalística” brasileira comandada pela Família Marinho, dona das Organizações Globo e detentoras do monopólio midiático brasileiro. Essa “elite jornalística”, graças à falta de pluralidade de informação e opinião na comunicação do Brasil, forma a chamada “opinião pública”. Foi diante desse cenário que o jornalismo das Organizações Globo, em associação com outras empresas que possuem veículos de comunicação de mesma opinião editorial – como a Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, a Bandeirantes e a Editora Abril, entre outros – conseguiu transformar a mídia brasileira numa das principais, talvez a principal, artífice do golpe de estado de 2016. Portanto, também foi ela uma das grandes estimuladoras da ascensão do ódio de classe no Brasil. E um de seus porta-vozes era William Waack. O racista, reacionário e entreguista William Waack (publicações do WikiLeaks, de outubro de 2011, afirmam que ele era informante da espionagem norte-americana). Não à toa, além de diversos outros funcionários da mídia monopolista, saíram publicamente em defesa de Waack o Ministro do STF, Gilmar Mendes, e o pastor Silas Malafaia, homens conservadores, reacionários e comprometidos com o poder nas mãos da “elite do dinheiro”.

1.3 - EMERGE UM SENTIMENTO CONTIDO

Como já se assinala desde as cenas iniciais de *Casa Grande*, a crise financeira da família protagonista é a geradora de diversos conflitos importantes na trama. Em meio ao aprofundamento desta crise, Sônia pergunta a Vanda, uma consultora que vende produtos cosméticos para ela, se ela consegue sustentar sua casa vendendo esses produtos. Sônia faz essa pergunta bastante constrangida, mas obtém de Vanda uma resposta positiva e incentivadora para que ela, Sônia, também passe a ser uma consultora trabalhando junto a Vanda. Esse constrangimento de Sônia ao fazer a pergunta é um dado importante para o que

pretendemos analisar aqui no que tange ao comportamento da pequena burguesia, ou classe média, brasileira em relação a determinadas convenções.

Algumas cenas depois, Hugo elogia Sônia, dizendo que ela está bonita. Ela responde dizendo que vai fazer uma venda. Ele pergunta, um pouco surpreso: - “Domingo?”. Ela confirma que sim e ele pergunta se ela iria sozinha. Ele recebe, novamente, uma resposta positiva. Na sequência deste diálogo, Sônia pergunta a Hugo se ele, desempregado, havia procurado uma determinada *headhunter*. Ele responde que não e ela pergunta a razão. Ele diz: - “Tudo o que eu não preciso é o meu currículo circulando no mercado, Sônia”. Tanto o constrangimento de Sônia ao fazer uma pergunta sobre oportunidade de trabalho a Vanda, quanto a resposta de Hugo sobre o contato com a *headhunter*, são reações que fazem parte de uma mesma tentativa de camuflar as dificuldades financeiras e, principalmente, manter sobre eles a aura de família bem sucedida no amor e, especialmente, no trabalho. Manter as aparências a partir da demonstração de uma cultura espiritual, sofisticada, erudita é importante, mas ser considerado bem sucedido profissionalmente e ter uma família “estruturada” são valores caríssimos à elite de classe média brasileira. Tanto que no final do diálogo, Sônia, que já está habituada neste momento da narrativa com a ideia de vender cosméticos, diz para Hugo: - “O que você precisa é engolir o seu orgulho, Hugo”.

Trabalho e sensibilidade são as duas formas de hierarquia moral que conhecemos e praticamos, sejamos conscientes ou não dessa hierarquia. Para qualquer pessoa no ocidente moderno, as duas dimensões mais importantes da vida, que a definem como sucesso ou fracasso, são precisamente as do trabalho e da vida afetiva. (SOUZA, 2016, p. 74)

A afirmação de Jessé Souza está absolutamente integrada com a ideia de sucesso profissional que Hugo e Sônia visam preservar. E essa ideia é uma influência bastante direta do ideário capitalista, especialmente o desenvolvido com a afirmação dos EUA como potência imperialista, não à toa tão presente na cultura brasileira e latino-americana. No entanto, uma típica característica do desenrolar desse pensamento, em países como o Brasil, é a necessidade sentida pela pequena burguesia, não detentora dos meios de produção, de explorar mão de obra. A exploração de mão de obra doméstica é uma forma de a classe média aparentar ainda mais o seu sucesso profissional. Ao “necessitar” de babás para cuidar de seus filhos, de demais empregados(as) para fazer as atividades de manutenção doméstica e de motoristas para levar seus filhos ao colégio, a classe média demonstra ser extremamente requerida no âmbito profissional. Diante disso, dispensar funcionários é uma atividade árdua, entre outros

motivos, pela perda do status. Mesmo que haja tempo livre entre os membros da família para executar determinada função, a não existência de um funcionário para fazê-la obriga a elite a praticar funções que não seriam dela. Daí uma enorme resistência da pequena burguesia brasileira ao surgimento de novas legislações que protejam determinados profissionais, como as empregadas domésticas, algo que ocorreu durante os governos petistas.

A redução da miséria afeta uma vulnerabilidade social que é funcional para largos setores do capital. (...) E já atingia as classes médias – a massa de manobra da direita –, privadas do trabalho doméstico de que sempre desfrutaram a preço vil. (MIGUEL, 2016, p. 34)

Essa relação de exploração da mão de obra doméstica por parte da pequena burguesia brasileira é o mote central para *Casa Grande e Que Horas Ela Volta?*

Assim como já pudemos compreender com as idas de Jean para o colégio de ônibus, Severino, o motorista de *Casa Grande*, é demitido. Porém, numa determinada manhã, um oficial de justiça chega à casa da família protagonista. Sua missão: notificar que Severino estava em busca dos dividendos a que tinha direito. Sônia não reage bem e pergunta a Noêmia, a cozinheira da casa, se ela sabia que Severino os estava processando. Com a negativa de Noêmia, Sônia utiliza o oficial de justiça como interlocutor e diz: - “Não sabia que crente mentia”. Ao levar o documento trazido pelo oficial para as mãos de Hugo, é de chamar a atenção a sua afirmação, já atacando a política dos três poderes da União com relação à proteção dos empregados: - “Impossível a gente ganhar. Nenhum patrão ganha um processo trabalhista neste país”. Essas reações já conseguem dar conta da objetiva revolta com uma política de maior justiça social por parte da elite, no desenrolar dos treze anos e cinco meses dos governos petistas.

A proposta de Sônia em retirar a poupança de Jean e Nathalie para pagar a dívida judicial com Severino gera uma reação contrária em Hugo. Essa reação é explicada pelo seguinte raciocínio que encontramos em “A Radiografia do Golpe”:

Ao contrário dos filhos das classes populares, que têm que estudar e trabalhar a partir da adolescência – o que implica, quase sempre, não fazer nem um nem outro bem –, os filhos da classe média podem se dedicar apenas aos estudos. É isso que permite a eles se concentrarem no capital cultural mais valorizado para o mercado de trabalho, onde entrarão mais tarde. (SOUZA, 2016, p. 61)

Assim, como o tempo dedicado somente aos estudos e à criação, com tempo livre para as atividades de abstração por parte dos filhos da classe média – como brincar e jogar – a

poupança ou a herança financeira são formas de manutenção do privilégio dessa classe de maneira hereditária. No caso da alta burguesia é a herança da propriedade dos meios de produção. Essa cultura de dar à prole as melhores condições de vida gera uma das maiores injustiças do capitalismo: a sorte ou o azar de onde nascer. E suprimir essa injustiça, curiosamente, é algo que encontra extrema resistência na classe média brasileira. Sobre a indignidade vivida por uma enorme parcela do povo brasileiro, SOUZA afirma:

Ela é, obviamente, uma indignidade produzida por uma sociedade perversa, tola e desigual. Perversa, porque culpa a vítima do abandono, como se alguém pudesse escolher ser pobre e humilhado. Tola e desigual, porque não percebe a importância de uma estratégia inclusiva de longo prazo para a riqueza e o bem-estar de toda a sociedade. (2016, p. 78)

Os oprimidos anseiam em ter a vida confortável da elite que os explora. Ainda em *Casa Grande*, Sônia descobre fotos de Rita nua, seminua ou vestida com o roupão da patroa em diversos cômodos da casa grande, incluindo a cama e o *closet*. Sua “perda de confiança” em Rita, a faz demiti-la entoando o seguinte discurso: - “não dá mais, Rita. Eu te tratei como uma filha desde que você chegou aqui. A gente foi construindo um elo, uma relação, e esse elo se quebrou”. Para a elite interessa ter uma relação aparentemente familiar com seus funcionários, mas até segunda ordem. Se a dúvida sobre quem tirou as fotos de Rita era motivo para uma revolta de Sônia (teria sido Hugo ou Jean?), perante a afirmação de Rita de que não havia sido ninguém da família, Sônia mantém a demissão. Aí temos o fantástico fechamento da sequência, com Rita perguntando: “A senhora também tá arrependida de ter mexido nas minhas coisas?”. Silêncio de Sônia. Não obtemos sua resposta. Corte para a sequência seguinte.

A situação da dificuldade financeira se mostra extremamente dolorosa para Hugo e Sônia, posto que ela, antes de tudo, afeta seus status perante seus pares de classe. Certamente, para eles isso é muito mais duro do que uma eventual perda de conforto no cotidiano. Para Jean a situação não se apresenta tão dolorosa. Na verdade, o que lhe interessa são as descobertas que a sua idade lhe proporciona. Mesmo tendo que defender a “honra” de seu pai numa briga de colégio, quando um colega acusa Hugo de ter dado calote em seu pai, Jean está mais envolvido com Luiza, uma menina que ele conhece no trajeto de ônibus na volta para casa. Luiza se torna namorada de Jean e, a partir disso, será responsável pelo mais importante *plot point*, ou ponto de virada, da narrativa de *Casa Grande*. Ponto esse que também nos encaminha para o fechamento deste primeiro capítulo.

Num cenário aparentemente leve e de alegria burguesa, Jean recebe Luiza em sua casa para um churrasco que Hugo promove, convidando também Wilton, Lia, Catulé e uma amiga de Luiza. Em meio à tranquilidade do encontro, Wilton pergunta a Jean para o que ele pretende prestar vestibular. Diante da resposta, Lia afirma que logo será Jean quem “vai começar a emprestar dinheiro aqui pro pessoal”. Surge o primeiro constrangimento da sequência. Em seguida, Wilton fala que a situação de Jean na prova de Direito para a UERJ é complicada em razão das cotas, e pergunta a Hugo o que ele acha disso. Hugo responde: - “Puro populismo!”. Wilton replica: - “O nível das faculdades públicas com certeza vai cair”. Hugo segue: - “Já caiu!”. Neste momento, vemos Hugo assumir uma face mais aberta contra as cotas e políticas de inclusão, as chamando pelo codinome histórico das elites mediadas pelo pensamento das metrópoles: populismo. Talvez incentivado pela presença cúmplice de Wilton, mas representando dentro da própria narrativa do filme de Barbosa o movimento que as elites fizeram durante os governos petistas, se revoltando contra essas políticas, retirando as máscaras, semeando e assumindo o ódio de classe.

Já neste primeiro momento surge Luiza como importante partícipe da cena. Enquanto Jean, um aluno de um colégio particular da elite carioca, repete o mesmo que seu pai havia dito na cena da mesa de jantar no início do filme – ato que ele já havia praticado na sala de aula na discussão sobre as cotas – Luiza, uma aluna de um colégio público reconhecido por uma boa estrutura de ensino, o secular Colégio Pedro II, rebate o que está sendo dito: - “Ah gente, mas calma aí, né... Os alunos das escolas públicas não têm condição de competir com os meninos do São Bento, por exemplo. (...) Quem não pode pagar se fode? (...) Claro que é um tapa-buraco (*as cotas*), elas tem um prazo previsto de dez anos.”. Wilton rebate, ironicamente: - “Igualzinho ao Bolsa Família”. Enquanto Luiza segue em sua argumentação e o discurso de classe de Wilton já está bastante claro, as reações silenciosas de Sônia e Hugo às palavras de Luiza são de preocupação e desaprovação. Mas ela segue, sem reparar nas expressões dos pais de Jean: - “Quantos médicos negros vocês conhecem, quantos advogados?”. Neste momento, o roteiro historiciza de maneira muito interessante o momento que era vivido, já no judicialismo moral que vivemos até hoje. Lia responde a Luiza: - “Advogado, tem aquele Joaquim³ do... do Supremo, né?”. Wilton diz: - “o Presidente do

3 Joaquim Barbosa, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal (STF) do Brasil. Exerceu a função de ministro entre 2003 e 2014, tendo sido Presidente desta mesma Suprema Corte entre 2012 e 2014, a partir de um rodízio. Foi nomeado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Se tornou uma figura midiática e exponencial perante a chamada “opinião pública” a partir da sua relatoria na Ação Penal 470, apelidada pela mídia de “Mensalão”. Iniciou uma nova era no judiciário brasileiro, adotando vocabulário destituído do

Supremo, você quis dizer, né. Que aliás, nunca precisou de cota na vida”. A sempre silenciada Nathalie, que vem concordando com Luiza, diz: - “Uma exceção né, tio...”. Luiza segue sua brilhante argumentação perguntando quantos alunos negros têm na turma de Jean e Catulé. No meio disso tudo, Hugo, já saturado, expõe ainda mais a sua opinião pequeno-burguesa: - “A culpa é do Jean, que teve uma boa educação...”.

A partir desse momento o debate vai se intensificando, até que Sônia pergunta, espantada, por que Luiza era cotista. Luiza diz que, como aluna de escola pública, era direito seu. Hugo, elevando a acidez da conversa, diz que já comeu muita carne de gato e pergunta se Luiza já havia passado pelo mesmo. Ela responde que sim. Ele diz: - “Deve ter sido na feira dos paraibas⁴” Wilton complementa: - “Debaixo do toldo ali, de preferência no ar-condicionado, relax...”. Luiza segue: - “Não sei porque vocês perdem tanto tempo discutindo um assunto que tem nada a ver com vocês ou com a sua família. As cotas são lei federal, já foi e vocês perderam”. Hugo replica: - “As cotas também não têm nada a ver com você, Luiza. Me desculpa. E você não é preta nem aqui, nem na China”. Wilton comenta: - “Na China talvez ela seja...”. Luiza encerra: - “Realmente é muito engraçado, né?! Mas eu acho que seu filho, seu Hugo, esqueceu de te avisar que minha mãe é mulata e o meu pai é japonês”. Em seguida, Lia dá uma gargalhada exaltada, destoando da situação real de enfrentamento de classes vivida naquele momento.

Sem dúvida, esta cena, na qual Luiza vai ao churrasco na casa da família de Jean, funciona como um real embate de classes: uma menina ainda bastante jovem, mas conscientizada das necessidades daqueles mais pobres que ela, dos desafios da comunidade negra no Brasil, por fazer parte dela, e da distância entre os alunos de escolas públicas e particulares no país, enfrenta o lugar comum das opiniões pequeno-burguesas predominantes em um lugar como o Itanhangá, especialmente o ridículo sentido de meritocracia que os pais da classe média atribuem a eles e aos seus filhos. Esse embate mexe com Jean e com a maneira como ele observa seus pais, sua classe social, os preconceitos, as prioridades e o

exigido decoro e se utilizando das transmissões ao vivo da TV Justiça para fazer julgamentos políticos e voltados pro público, em tom moralizante. Foi apenas o terceiro ministro negro da história do STF. Chegou a receber capas elogiosas da Revista Veja e foi eleito uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em 2013 pela Revista Time.

4 Feira dos paraibas é um codinome de cunho originalmente preconceituoso dado à Feira de São Cristóvão, ou Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga, no Rio de Janeiro. A feira é tradicionalmente frequentada pela comunidade nordestina do Rio de Janeiro, no entanto passou, nos últimos anos, a ser cada vez mais frequentada pelos jovens da classe média carioca, que vão em busca da gastronomia nordestina, do forró e das inúmeras barracas de karaokê. O termo “Paraíba” é um termo preconceituoso e bastante antigo no Rio de Janeiro, que resume todo o nordeste brasileiro pelo substantivo de um estado chave.

status quo ao qual está submetido.

Enquanto isso, Wilton pergunta se Hugo não pretende vender a casa. Neste momento, fica claro que a intenção dele é vendê-la, mas, para manter as aparências, ele nega. Na verdade, o próprio churrasco foi criado com a intenção de vender a casa para Wilton e Lia. Hugo e Wilton escutam violoncelo, o segundo fuma charuto. Está aí a classe média sensível e de bom gosto, mas que não concatena nada diferente do que lhe entrega a mídia monopolista brasileira. É ridículo Wilton fotografando a casa e Hugo querendo que ele o faça, mas fingindo que jamais irá vender o imóvel.

Mais adiante, após o final de semana, observamos Noêmia fazendo o trabalho doméstico. Ela se machuca. Reclamando estar sobrecarregada e com três meses de salários atrasados, Noêmia pede demissão a Sônia. Sônia tenta demovê-la da ideia, mas fica realmente indignada quando Noêmia diz que vai trabalhar na casa de Lucélia Santos, que também vive no condomínio e que compra cosméticos com Sônia. Por Lucélia ser vizinha no bairro rico e uma pessoa famosa, Sônia teme que o fato de Noêmia ir trabalhar na casa dela por estar sobrecarregada e com salários atrasados “manche” ainda mais a sua imagem burguesa, vide o que já falamos sobre status na classe média e a inserção das empregadas domésticas nesse contexto, em paralelo com a evolução na legislação que as protege – e que agora sofre importantes retrocessos no pós-golpe.

Existe uma óbvia exploração praticada pela classe média, primeiro do trabalho muscular de faxineiras e empregadas domésticas (até hoje a ocupação responsável pelo maior índice de emprego feminino no Brasil), depois do trabalho mal pago de inúmeros trabalhadores precários. (SOUZA, 2016, p. 81)

Tanto *Casa Grande* quanto *Que Horas Ela Volta?* têm o dia do vestibular como importante ponto nos seus desfechos. Mas, ao contrário de Jéssica e Fabinho, Jean desiste de fazer o exame no meio e sai da sala. Após ter enfrentado seu pai e ter visto sua relação com Luiza se esvaír, ele vai atrás de seu velho companheiro Severino, um “ente” que sempre fora oprimido pela família de Jean. Jean some do radar de Hugo. Em meio a isso, Hugo e Sônia recebem um telefonema de sequestro – golpe tradicional de um tipo de crime organizado para com a elite. Com poucos recursos, eles tentam negociar com os possíveis sequestradores. Neste momento, Nathalie fala para o pai perguntar como Jean é e diz para ele não falar o nome do irmão. Hugo não a escuta. Após muita insistência sem ser ouvida, Nathalie quebra um vaso e é escutada. De fato era um trote. Finalmente a filha do gênero feminino, mais

observadora e, possivelmente, mais amadurecida, foi escutada e “empoderada” ao quebrar um vaso.

Enquanto isso, Jean chega à favela onde vivem Severino e Noêmia. O menino da casa grande vai ao encontro daqueles que todo dia se deslocavam para lá. Severino leva Jean ao forró onde ele toca, e Rita chega e se reencontra com Jean. Jean foi ao encontro também de Rita, fora dos muros da casa grande. É lá que, finalmente, Rita participa da iniciação sexual de Jean. Ou melhor, da abertura dos portões para uma nova visão de mundo.

A crise vivida pela família pequeno-burguesa composta por Sônia, Hugo, Jean e Nathalie se baseia na crise de uma parcela do mercado financeiro brasileiro, causada pela drástica queda nas ações das empresas majoritariamente controladas pelo empresário Eike Batista, filho do também empresário Eliezer Batista, membros da “elite do dinheiro”. Essa queda se deu no mesmo período em que a Presidenta Dilma Rousseff propunha um ajuste fiscal que submetia o país a um regime de juros próximo ao de outros países, ao contrário do que acontecia no auge do Governo Lula, quando os grandes empresários foram enormemente beneficiados pela política fiscal brasileira. A partir deste momento, SOUZA observa que:

Como em todos os instantes da vida brasileira moderna, a elite do dinheiro agiu de modo concertado. Afinal, não apenas o capital financeiro auferia lucros estratosféricos, mas também os capitalistas industriais e o agronegócio investiam seu lucro não mais na produção, mas nas gordas taxas de juro que garantiam retorno imediato e sem risco. Instaurou-se uma batalha pela diminuição do juro e do *spread*⁵ bancário, na qual a presidenta apostou todas as suas fichas e perdeu. Quando o juro voltou a subir em abril de 2013, ela (*a Presidenta*) teve, na prática, todas as frações da elite econômica contra ela. (...) A nova tática implicava o ataque sistemático e sem qualquer pausa ao governo e ao que ele representava. (2016, p. 54)

O ataque sistemático, ao qual se refere Jessé Souza, teve como articuladora a grande mídia monopolista, ou “o quarto poder”. Passadas as chamadas Manifestações de 2013, parecia que seria a vez de o PT perder as eleições. Dilma derrota Aécio Neves por uma baixa margem percentual. Isso apenas aumenta a raiva das elites que queriam, a todo custo, a mudança no poder executivo. “Como pode o povo ceder ao populismo e votar de novo nessa corja? Povo ignorante, que não tem sensibilidade moral contra a corrupção...”. Este é um possível raciocínio da classe média brasileira, revoltada com o resultado das eleições de 2014.

5 Spread Bancário - É simplesmente a diferença entre os juros que o banco cobra ao emprestar e a taxa que ele mesmo paga ao captar dinheiro. O valor do spread varia de acordo com cada operação, dependendo dos riscos envolvidos e, normalmente, é mais alto para pessoas físicas do que para as empresas. O Brasil é famoso por ter um dos maiores spreads bancários do mundo. (WOLFFENBÜTTEL, 2004)

Talvez a classe média, no afã de marcar território como detentora do capital intelectual, não tenha parado para perceber que o discurso moralizante era um poderoso mecanismo em prol dos mais endinheirados e não o óbvio que a massa que vota não observava. Enfim, estava pavimentada a via do ódio de classes rumo ao golpe de 2016.

Você não tem um ponto de convergência da discussão. As questões ficaram extremamente simplificadas e polarizadas, do tipo: faz o ajuste fiscal ou não faz. Sou contra ou sou a favor. Isso tem origem no conflito de classes, no conflito político, que na maioria das vezes não se exprime de maneira clara, objetiva (BELLUZZO, 2016, p. 31)

CAPÍTULO 2 – *QUE HORAS ELA VOLTA?: OS CONTRAPONTO QUE LEVAM AO ÓDIO*

2.1 – A GERAÇÃO DA TRADIÇÃO ESCRAVISTA

O estudo até aqui nos mostrou que o Brasil atual é herdeiro do Brasil escravocrata. As relações de poder e a luta de classes provêm das características da nossa sociedade nos séculos XVIII e XIX. Não por acaso, o Brasil é o único país latino-americano que se tornou independente e apenas décadas depois se tornou uma república. Não é meramente nossa relação com a ex-metrópole lusa que nos manteve numa sociedade extremamente hierarquizada, mas a própria manutenção da lógica aristocrata. Passados os séculos, vemos em “Desafios brasileiros na era dos gigantes”, de Samuel Pinheiro Guimarães, um interessante retrato dos desafios do Brasil no início do século XXI. Corroborando com a ideia do Brasil colonizado e sob a lógica escravocrata, GUIMARÃES traça o cenário que vivíamos ainda no primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Olhar para aquele cenário e depois para os cenários presentes em *Casa Grande* e *Que Horas Ela Volta?* é se dar conta do enorme avanço em termos de distribuição de riquezas e inclusão social que tivemos a partir de 2003. Além disso, é importante ressaltar a política externa no mesmo período. Como disse Chico Buarque de Hollanda: “É um governo que fala de igual para igual: não fala fino com Washington e não fala grosso com a Bolívia e o Paraguai e, por isso mesmo, é respeitado no mundo inteiro”⁶.

É importante ressaltar que Pinheiro Guimarães foi um importante membro do Governo Lula, desde o seu início até quase o seu fim, como Secretário-Geral do Itamaraty (Ministério de Relações Exteriores). A partir disso, podemos observar que ele assinala em sua obra alguns dos desafios que o governo brasileiro, do qual ele fazia parte, deveria enfrentar. Como nestes trechos:

As desigualdades educacionais e culturais revelam-se nos elevados índices de analfabetismo efetivo, na má qualidade da escola pública, no sistema universitário gratuito que de fato discrimina os pobres, no crescente hábito das elites e da classe média alta de enviar seus jovens para estudar no exterior, na degradação física e qualitativa das universidades públicas, na expansão do ensino privado pago e ineficiente, na escassez e deficiência de formação dos professores. (GUIMARÃES, 2005, p. 21)

6 Declaração de Chico Buarque de Hollanda em discurso no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro, na reunião de artistas e intelectuais em prol da candidatura de Dilma Rousseff no segundo turno das eleições de 2010.

A flagrante ampliação do hiato que separa o Brasil dos países desenvolvidos tem causado de um lado uma sensação de impotência, desânimo e pessimismo e, de outro lado, uma espécie de *justificativa* para aqueles setores no centro do sistema nacional que abdicaram de sua responsabilidade de defender e promover a autonomia da sociedade brasileira, de enfrentar os desafios internacionais e de resistir à ação subordinadora das estruturas hegemônicas de poder. (GUIMARÃES, 2005, p. 25-26)

Ao observarmos determinados desafios históricos do Brasil que foram colocados por Samuel Pinheiro Guimarães e observarmos o resultado do enfrentamento de alguns desses desafios por parte dos governos petistas, podemos traçar um paralelo entre o antes e o depois. Ou então, entre Val e Jéssica, a mãe e a filha pernambucanas que protagonizam o filme que iremos analisar predominantemente neste capítulo, *Que Horas Ela Volta?*, de Anna Muylaert, lançado no ano de 2015.

Na primeira sequência de *Que Horas Ela Volta?* já somos apresentados à personagem Val, interpretada por Regina Casé. Não há dúvidas do que Val representa à beira daquela piscina, pois ela está vestida com um uniforme branco, típico das babás que cuidam dos filhos da elite brasileira. As mesmas que são diferenciadas dos sócios dos *country*, *tennis* ou *jockey clubs* pela indumentária nos fins de semana. *A posteriori*, num dos raros momentos no qual a personagem Jéssica não é extremamente crítica com a cisão de classes no Brasil, ela olha uma foto de Val com a mesma roupa e diz: - “tá parecendo aquelas babás de propaganda, toda de branco”.

Como já foi explicitado no primeiro capítulo deste estudo, a cumplicidade entre Val e Fabinho é flagrante, a começar pelo seu cumprimento especial, uma sequência de ações com direito a piscadela e beijinho. Val é cúmplice de Fabinho em conversas sobre as frustrações amorosas do rapaz, que ainda não iniciou a vida sexual – assim como Jean na outra produção – e ainda faz com que a maconha do menino, jogada na lixeira pela mãe dele, volte para as suas mãos. Fabinho representa o lugar de filho no cotidiano de Val, lugar que deveria ser de Jéssica, enquanto Val, em boa parte das vezes, é quem cumpre papéis de afeto maternal com relação a ele. Esse é um dos reflexos do quão dolorosa é a exploração das elites sobre os oprimidos no Brasil, também no campo afetivo. Jéssica é privada do amor de sua mãe que, por sua vez, deságua esse sentimento em sua relação com Fabinho, o filho dos patrões. Enquanto Val cuida de Fabinho, Bárbara, a mãe do menino, se dedica a construir a sua imagem de sucesso profissional e Carlos, o pai, se dedica ao ócio.

Os trabalhadores precários e os excluídos trabalham para ela (*a classe média*) ganhando muito pouco de modo a poupar tempo e energia dos trabalhos domésticos e dos trabalhos sujos e pesados, para que a classe média possa se dedicar a atividades produtivas rentáveis. (...) Como se fazia com os escravos de ganho, das ruas de cidades do século XIX, e os escravos domésticos, a classe média brasileira explora há séculos o trabalho mal pago de pessoas que ela considera sub-humanas. (SOUZA, 2016, p. 81)

Val, assim como Rita em *Casa Grande*, é a única dos três empregados da casa (curiosamente, mas não coincidentemente, é o mesmo o número inicial de trabalhadores nas mansões dos dois filmes) que vive no interior dos muros da casa dos patrões. Ou seja, vive na senzala. Assim como este fato é fundamental para solidificar na narrativa de *Casa Grande* a relação entre Rita e Jean, em *Que Horas Ela Volta?* é importantíssimo para compreendermos a relação profunda de Val e Fabinho, já que muitas vezes ele pede para ir dormir com a sua “mãe de criação”. Este mesmo fato, de Val viver na “senzala”, gera incredulidade em Jéssica mais à frente.

O universo de Val é tomado pela deferência aos patrões, sem reparar nas contradições da sua exploração, e pelo senso comum da dificuldade vivida pelo nordestino em São Paulo. Quando Jéssica diz que vai para a cidade no intuito de prestar vestibular, Val naturalmente já manifesta certo descrédito com relação ao ato, acostumada com as dificuldades impostas ao nordestino no Brasil de sempre. Diz: - “Mas não dá mais tempo não. Que tempo que Fabinho já fez a inscrição. Ele também vai fazer...”. Mas é surpreendida por facilidades já cotidianas para o jovem oprimido do Nordeste atual: - “Na internet? E pode?!”. Sim, Jéssica já estava inscrita no vestibular.

A partir deste momento da narrativa, quando Jéssica avisa a Val que está indo para São Paulo, propositadamente a personalidade de Bárbara, interpretada por Karine Teles, é melhor desenvolvida na narrativa. Bárbara explicita nesta produção um ódio de classe mais translúcido do que o de Hugo e Sônia em *Casa Grande*, mais assemelhado à etapa do desprezo. Chega a ser possível afirmar que Bárbara é uma antagonista. Por isso ela é tão importante para a trama e para este estudo. Bárbara é a personificação do ódio de classe contido, ganhando corpo.

Num dia de folga, Val sai da casa para encontrar Raimunda, sua amiga e empregada em outra casa do mesmo condomínio no Morumbi. Antes de ir embora, tenta conversar com Bárbara, que está correndo numa esteira e com fones de ouvido. No entanto, Bárbara, entre o jocosos e o cúmplice, comenta o quanto Val está cheirosa, mas o que quer saber mesmo é se

ela deixou a lasanha e os demais serviços prontos. Não dá espaço nenhum para Val falar sobre aquilo que a angustia. Pouco depois, em uma entrevista que Bárbara concede em sua residência no dia do seu aniversário, descobrimos através do entrevistador que Bárbara dita tendências, é uma *trendsetter*, e pede que ela defina estilo. Ela diz: - “Gente, estilo não tem segredo, sabe. Não tem o que inventar. Estilo é você se conhecer, você se assumir, né. Por isso eu acredito que estilo é ser quem você é, sabe?”. Se seguíssemos à risca o que diz Bárbara sobre estilo, chegaríamos à conclusão de que um oprimido, pobre, membro da “ralé” pode ter estilo. E não pode. Não o estilo que Bárbara prega e, caso tente ser alguém com estilo ou qualquer outro adjetivo particular da classe média, a reação de pessoas como Bárbara será feroz. Como veremos em sua posição com relação a Jéssica.

Para quem dirige carros caros, usa roupas de marca e bebe vinhos especiais, esse tipo de consumo não significa apenas que se tem mais dinheiro que os outros que não possuem acesso a este tipo de bens. Significa, antes de tudo, que se tem “bom gosto”, o que implica uma superioridade não apenas estética, mas também moral. (SOUZA, 2016, p. 70)

Ao fim da entrevista de Bárbara, Val leva um embrulho com um presente para a patroa. É um jogo para servir café com vários pires, xícaras, bandeja e uma garrafa térmica, alternados nas cores preto e branco. Bárbara tem uma reação padronizada, típica da pequena burguesia, e diz para Val que aquele jogo seria para uma ocasião especial. Logo em seguida, Val consegue finalmente abordar Bárbara com o assunto da chegada de Jéssica. Surpreendentemente, ou não, Bárbara diz: “Quem é Jéssica?”. Essa pergunta, embora possa beirar a comicidade, simboliza o que, de fato, representam as relações afetivas do oprimido para o opressor, talvez menos até do que o ínfimo salário que lhes é pago. Imediatamente, Val é interrompida por Bárbara, que agora tem que atender seu telefone celular. Quando, ao fim de todos os empecilhos, Val consegue discorrer sobre a vinda de Jéssica e a possibilidade de a menina ficar na casa dos patrões com ela, recebe uma resposta extremamente positiva de Bárbara: - “Mulher, claro que pode! Imagina, meu amor... Poxa, você é praticamente da família, né. Você me ajudou a cuidar do Fabinho...”. Enfim, estamos diante de afirmativas clássicas da burguesia. A empregada doméstica é praticamente da família, desde que se mantenha ocupando categoricamente o seu espaço. Sem extrapolar o lugar tradicional onde figuram os escravos desde o Brasil Colônia.

Neste momento, é interessante trazer à tona uma imagem que viralizou em todo o território nacional em um dos domingos pós-eleições de 2014 e antes do *impeachment* de

Dilma Rousseff, com as manifestações em que predominavam brancos de classe média vestidos com camisas amarelas, muitas vezes a da Seleção Brasileira de Futebol. Em março de 2016, o Senhor Claudio Pracownik, executivo do setor bancário e vice-presidente de finanças do Clube de Regatas do Flamengo, foi fotografado ao lado de sua esposa, que segurava o cachorro através da coleira. Ambos estão com camisas listradas em verde e amarelo, com o escudo do Flamengo no peito. Um pouco atrás está a babá dos filhos do casal, obviamente com o traje branco do qual já falamos, carregando um carrinho duplo com as duas crianças no interior. Bem, aqui há uma inversão de fatores culturalmente chocante, mas que se assemelha bastante ao que vemos em *Que Horas Ela Volta?*, já que o casal vai à frente, sem grandes tarefas, a não ser segurar o cachorro – que parece ser mais próximo do casal pequeno-burguês do que seus próprios filhos seres humanos – enquanto estes são conduzidos pela trabalhadora doméstica que está em expediente em pleno domingo. Mas pior do que esta inversão cultural – os pais relegando a condução dos filhos a uma terceira pessoa sem que estejam ocupados – é importante esclarecer que, assumidamente, eles estão a caminho de um ato político que, de acordo com o que podemos observar neste mesmo estudo, é em grande parte uma expressão de classe contra os oprimidos, classe da qual fazem parte as babás de branco. Babás de branco como a da imagem e como Val, conhecidas como “praticamente da família”.

No sentido da afirmação de que as manifestações “amarelas” pré-impeachment eram compostas predominantemente pela classe média, também predominantemente branca, Jessé Souza escreve sobre a manipulação da grande mídia nesses eventos. Aliás, é bom lembrar que a mídia monopolista também serviu como principal divulgadora dos eventos. SOUZA também descreve o tratamento da mesma mídia com relação às manifestações “vermelhas” anti-golpe:

A direita do espectro político contava não só com a elite e sua tropa de choque na classe média, mas também com setores das classes populares, ainda que o núcleo do movimento continuasse nas mãos dos setores mais conservadores das classes médias. O *Fantástico* de 13 de março de 2016⁷, por exemplo, fez questão de procurar e mostrar a presença nas manifestações de pessoas de cor mais escura e de origem popular, ainda uma pequena minoria, para provar que o protesto abrangia todas as classes. (...) A incrível seletividade do processo (*Operação Lava-Jato*) agora ficava visível (*após a condução coercitiva de Lula*⁸). As manifestações passaram a ser encabeçadas

7 13 de março de 2016 – Domingo marcado por diversas manifestações em prol do impeachment no país inteiro. É a data da referida foto citada, na qual figuram o Senhor Claudio Pracownik e família.

8 No dia 4 de março de 2016 o ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, foi abordado por

pela classe média mais conservadora e contra-protestos populares – organizados por manifestantes desqualificados pela mídia como “militantes partidários”, como se os camisas amarelas não o fossem – passaram também a ganhar as ruas.” (2016, p. 126)

Voltando a *Que Horas Ela Volta?* e, por conseguinte, ao aniversário de Bárbara, Val se demonstra extremamente agradecida por Bárbara receber Jéssica em sua casa. Ou seja, Val corrobora e acredita na tese de ser “praticamente da família”, sempre respeitando o “seu lugar” de classe baixa: - “A senhora é demais Dona Bárbara. A senhora é uma mãe pra mim.”. Na sequência seguinte, Val já está servindo aperitivos aos convidados da recepção que Bárbara organiza para comemorar o seu aniversário, agora com outro uniforme, com babados e touca. O uniforme para servir a elite. No momento de servir o café, Val resolve servi-lo com o jogo com o qual ela havia presenteado Bárbara. E sai da cozinha. O plano segue no mesmo enquadramento, com a porta da cozinha fechada. De repente, entra Bárbara segurando Val pelos braços e dizendo: - “De onde você tirou isso?”. Antes que Val pudesse responder, Bárbara afirma que havia dito que aquele jogo iria para o Guarujá. E manda ela pegar a bandeja de madeira branca, trazida da Suécia. Val lembra que a patroa aniversariante havia dito que era para uma ocasião especial. Bárbara responde: - “Tá. Tá bom.”, e sai da cozinha.

No plano seguinte, Val está no Aeroporto de Guarulhos. Vai acontecer o principal *plot point* de *Que Horas Ela Volta?*. Jéssica está chegando.

2.2 – A GERAÇÃO DO SÉCULO XXI

No primeiro ¼ de filme em *Que Horas Ela Volta?* somos apresentados à vida que vivem Bárbara, Fabinho, Carlos e Val e sua raiz intensamente ligada à hierarquização do Brasil desde o período colonial e escravagista. Também conseguimos traçar paralelos com as relações entre a pequena-burguesia de *Casa Grande* e personagens da classe oprimida na dita produção. Em *Que Horas Ela Volta?*, Val tem essa hierarquização totalmente internalizada e não a questiona. Ou melhor, opera em favor da sua manutenção, mesmo sem perceber que está fazendo isso em seu próprio desfavor. No entanto, é a chegada de Jéssica que ameaça a manutenção dessa hierarquia já estabelecida, gerando, entre outros efeitos, a erupção do ódio

agentes da Polícia Federal no seu apartamento em São Bernardo do Campo para que fosse levado à sede da mesma instituição no Aeroporto de Congonhas, em ação de condução coercitiva. Esta condução foi determinada através de mandado do juiz federal de primeira instância Sergio Moro, residente em Curitiba. Este evento foi transmitido pela mídia praticamente desde a chegada dos agentes à casa do ex-Presidente.

de classe contido em Bárbara.

Jéssica é uma menina que viveu sua infância e adolescência já no século XXI e é um produto de uma política que propõe maior inclusão dos pobres e dos nordestinos na economia e nos espaços de produção de pensamento, além de oferecer a muitos deles oportunidades de estudar no exterior, como sempre aconteceu com os filhos das famílias abastadas, através do programa *Ciência Sem Fronteiras*. Enquanto Val olha atenta e ansiosamente os passageiros que passam pelo portão de desembarque do aeroporto, Jéssica surge por trás dela já falando com a mãe que, por conta do grande tempo distante, não conseguiu reconhecer a filha quando a mesma passou pelo portão. Aqui é importante contextualizar que, muito provavelmente, Val desembarcou pela primeira vez na capital paulista pela Rodoviária do Tietê. Já Jéssica faz parte da geração de nordestinos que toma, também para si, os aeroportos brasileiros. Esses contrapontos entre o antes – representado por Val – e o depois – representado por Jéssica – são fundamentais para explicar aquilo que as elites brasileiras não aceitaram e que fez com que elas manifestassem seu ódio contra as classes oprimidas.

O fato de Jéssica chamar a mãe pelo nome (ou apelido) já nos chama atenção. Há certo constrangimento na maneira dela lidar com a própria progenitora. Já no ônibus, no caminho para o Morumbi, Jéssica mostra sua dificuldade em compreender a tradicional hierarquia presente no Brasil. Val diz que Bárbara, Carlos e Fabinho estão “doidos” para conhecê-la. Jéssica responde: - “Depois a gente marca um tempinho pra eu ir lá”. Val diz que elas já estão indo, mas a filha diz estar cansada e pede para que deixem pra depois. É neste momento que Val conta que mora na casa dos patrões. As observações de Jéssica já chamam a atenção: - “Como assim tu mora lá, Val? Tu tá me levando pra casa dos teus patrões?! (...) Tu mora no quartinho dos fundos da casa deles? (...) Pelo amor de deus, não tô acreditando nisso não... (...) Tu tá me levando pra casa dos outros?!”.

Ao final do jantar da família de classe média, enquanto os três, ao invés de conversarem entre si, estão entretidos com seus próprios celulares, Bárbara chama Val para recolher os pratos, enquanto todos continuam sentados em seus lugares. Bárbara então pede que Val chame Jéssica para que eles possam conhecê-la. Quando a menina chega, recebe flores, um beijo e um abraço da matriarca, ainda muito agradável e solícita com a nova moradora da “senzala”. Neste momento, Val serve à mesa dos patrões a cocada que Jéssica trouxe de Pernambuco, enviada com carinho por Sandra, aquela que criou sua filha. A deferência de Val para com os opressores chega ao ponto de ela dividir um presente de uma

pessoa tão importante com os mesmos.

Quando Bárbara pergunta a Jéssica para que curso ela iria prestar vestibular, a resposta é arquitetura. Fabinho pergunta: - “Na FAU?!”, ela responde: - “É. Na FAU.”. A resposta de que a tentativa no vestibular seria para a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – USP) gera um imediato olhar de pena em Bárbara e Carlos, corroborada pela fala de Fabinho de que a FAU é uma das faculdades mais concorridas. Em seguida, Carlos pergunta a Jéssica se a sua escola era boa, mas ela responde negativamente. Bárbara externaliza sua pena em palavras: - “Ai tadinha...”. Jéssica conta de sua experiência com o professor de história João Emanuel que, com sua visão crítica do mundo, a fez pensar. E mais adiante diz: - “Eu acho que é importante eu ter um diploma e acredito que arquitetura é um instrumento de mudança social”. Bárbara comenta: - “Tá vendo...? O país tá mudando mesmo, né? Bacana”. Este último comentário de Bárbara é fundamental para compreendermos que a classe média em sua maioria tinha noção da transformação social que se tentava empreender no Brasil recentemente e, embora fingisse satisfação e bom grado, temia e repulsava esse movimento.

Aos poucos as ações e falas de Jéssica evidenciam o quão estranha é a relação dos padrões com Val, apenas ao fazermos um contraponto das ações da filha com relação às da mãe. A cada passo que Carlos dá, ele pede algo para Val, seja um copo d’água, seja para acender a luz da piscina que está bem à sua frente. E Val atende com urgência. Enquanto ele apresenta a casa para Jéssica, a menina se surpreende com o fato de todos os quartos serem suítes. O último deles Carlos apresenta como o quarto de hóspedes. Jéssica comenta: - “É onde eu vou ficar então...”. Val se desespera e diz que Jéssica perdeu o juízo. Para ela não faz sentido sua filha ficar na casa grande e não na “senzala”. Mas Carlos decide que Jéssica irá ficar no quarto e chama Bárbara para comunicá-la da decisão. Ela aparenta aceitar de modo tranquilo: - “Tudo bem”. Mas, em seguida, entra em seu quarto batendo a porta com raiva. Vão surgindo em Bárbara os primeiros sinais do ódio de classe emergindo.

É necessário mostrar como nossa outra classe do privilégio, a classe média e suas frações conservadoras dominantes, foi arregimentada e desenvolveu um “novo orgulho de ser de direita”, antes inexistente no Brasil. Se na elite econômica a regra é a indiferença *blasé* em relação ao povo, nas frações conservadoras da classe média o desprezo e até o ódio às classes populares, que só agora se expressa abertamente, sempre foram a regra. (SOUZA, 2016, p. 54-55)

Ao passo que Jéssica faz questão de não ficar no “quartinho dos fundos”, entre outros

motivos para poder ter melhores condições de sono e estudo, Fabinho se dirige ao quarto de Val porque não está conseguindo dormir. Quando ela lhe pergunta o que ele achou de sua filha, o menino responde: - “Meio estranha, né? (...) Segura demais de si”. A própria mãe chega a dizer que Jéssica se comporta como se fosse o Presidente da República. Aqui é importante analisarmos a visão que Val tem do que é ser Presidente da República, o que explica muito a reação de setores da sociedade com relação ao Presidente operário e à Presidenta mulher. Eles não têm, de certa forma, o *physique du rôle* que o cargo exigiria, para determinadas pessoas. Seguindo nesse caminho, observamos que o comentário de Fabinho, mesmo que possa ser rescaldo de um ciúme que ele sente de Val por Jéssica ser a filha biológica da sua mãe oprimida, vem carregado do mesmo preconceito de classe que vemos em sua mãe e nos pais de Jean em *Casa Grande*. E mais: Fabinho e Jéssica têm mais ou menos a mesma idade, mas ele é do gênero masculino e ela do gênero feminino. Tradicionalmente, ele deve ser seguro e ter opiniões fortes, já ela deveria se submeter, não só por sua classe, mas também por seu gênero.

O que aconteceu com Dilma Rousseff nos faz saber que o poder violento do patriarcado não se volta apenas contra as mulheres, mas contra a democracia como um todo, sobretudo na sua versão cada vez mais radical intimamente relacionada com as propostas do feminismo como luta por direitos ao longo do tempo. O que aconteceu com Dilma Rousseff nos ensina a compreender o funcionamento de uma verdadeira máquina misógina, máquina do poder patriarcal, ora opressor, ora sedutor, a máquina composta por todas as instituições, do Estado à família, da Igreja à escola, máquina cuja função é impedir que as mulheres cheguem ao poder e nele permaneçam.

(...) Ora, o jogo de linguagem machista opera por heterodenominação e heterodeterminação. Isso quer dizer: homens falam e dizem sobre mulheres. Ora, o poder é uma questão de voz, de discurso, de quem fala e de quem escuta. O poder também se cria por meio do ato de falar sobre o outro. A categoria do “outro” é criada em um discurso. Assim é que se cria a mulher ideal e, ao mesmo tempo, se demoniza a mulher fora do “ideal”. (TIBURI, 2016)

No dia seguinte, Bárbara chega à cozinha para tomar café da manhã e se surpreende com a ausência de Val. Chega a bater na porta do quarto dela, mas não obtém resposta. Logo em seguida, Jéssica chega à cozinha. Esse encontro evidencia um constrangimento entre as duas. Por um lado, Jéssica sente em Bárbara o jogo de aparências da classe média brasileira acionando mecanismos da etiqueta europeizada para se relacionar com a “plebe”, mas que, na verdade, já a subjuga. Pelo lado de Bárbara, vemos a não aceitação ao fato de Jéssica habitar o quarto de hóspedes da casa grande sem que ela pudesse opor-se de maneira categórica,

justamente pelo jogo de aparências que citamos. Mas é quando Val surge em desespero, por ter se atrasado, que Bárbara se utiliza do próprio sentimento de culpa manifestado pela funcionária, associado ao seu senso introjetado de inferioridade, para criticar Jéssica: “Olha, sua filha adorou a geleia”. Ao sentir que, com Jéssica não funcionará a estratégia da culpa por tentar alçar um posto fora de sua classe oprimida, Bárbara distila seu ódio sobre Val, presa mais fácil, de outra geração. Logo em seguida, Val adverte Jéssica de que não é “Bárbara” e sim “Dona Bárbara” o vocativo correto para se referir à sua patroa. E também sinaliza que aquela mesa é a “mesa deles”, portanto Jéssica não deveria sentar ali. No que a filha responde: - “E qual que é a mesa deles, Val? (...) E cadê a outra que eu não tô vendo? Vou comer em pé? Ela que mandou eu sentar aqui...”. Val insiste para a filha sair e diz: - “Onde é que já se viu, filha de empregada sentar na mesa dos patrões?!”. Jéssica responde: - “Eles não são meus patrões não, Val”. Esta sequência até aqui já exemplifica o conflito social e geracional exposto na trama desta produção e também, por que não dizer, do Brasil no período em que o filme foi produzido.

Na mesma referida sequência é importante destacar o figurino utilizado por Val ao acordar e ir direto do “quartinho” para a cozinha. Sua camiseta é um *souvenir* de Viena, a capital austríaca. O nome da cidade e do país estão escritos em inglês, não em alemão, a língua local predominante na cidade. A camiseta, além de não representar algo de fato com a “alma” de Viena, é uma migalha que a classe média confere aos oprimidos na volta de suas viagens ao exterior, viagens essas que reafirmam o que Jessé Souza chama de “capital cultural da “distinção”, em relação às outras classes, para mostrar que não é o dinheiro que marca seu estilo de vida, mas sim que ele é fruto de um suposto bom gosto inato” (SOUZA, 2016, p. 61). Esse mesmo valor é operado por outro figurino de Val, já no final do longa-metragem. Enquanto Fabinho veste uma camiseta com referência ao time de futebol americano Cleveland Browns, Val está com uma de outro time do mesmo esporte, o Houston Texans. Tanto em *Que Horas Ela Volta?* quanto em *Casa Grande* o figurino e a arte operam papéis fundamentais e muito bem sucedidos para um análise semiológica e realista do conflito de classes vivido no Brasil.

A presença de Edna, outra funcionária da casa, aparentemente faxineira, evidencia ainda mais o conflito geracional entre Val e Jéssica. Edna respeita e, mais do que isso, vive a mesma hierarquização vivida por Val. Uma descendente da sua classe oprimida não deveria se comportar na casa dos patrões da mãe como uma hóspede. Edna chega a dizer a Jéssica: -

“Não vai ajudar sua mãe no serviço não?”. Mas é a partir do convite de Carlos para que Jéssica visite o seu ateliê, que Val e Edna vão, paulatinamente, se preocupando mais com a situação. Jéssica demonstra não ver Carlos com os mesmos olhos que vê Bárbara. Ele aparenta ser mais horizontal ao lidar com a menina, embora explore de maneira desmedida a mão de obra de Val. Carlos é ocioso, um artista que, aparentemente, produz muito pouco as suas telas e afins. É herdeiro de um pai rico e vive de renda, renda essa que lhe permite manter o mundo de aparências dos que estão à sua volta e também lhe permite explorar mão de obra alheia. Como ele mesmo diz: - “Todo mundo dança, mas sou eu que ponho a música”. Quando Carlos convida Jéssica para almoçar com ele na mesa de jantar da casa grande, a reação de Val e Edna é de completo estranhamento e desaprovação. Enquanto eles almoçam, elas, tensas, escutam a conversa atrás da porta. Edna consola a amiga. Uma cena comum, mas risível. Jéssica não se faz de rogada em habitar um mundo que, segundo Edna e Val, não deveria ser dela. Edna está chocada e com pena de Val.

O problema com essas hierarquias inconscientes é que não temos defesa em relação a elas. De certo modo nascemos com elas, já que elas são repetidas desde a tenra idade e nos são ensinadas nas escolas. Achamos que fazemos parte do mundo como ele é. Isso nos faz ter deferência, respeito e admiração automática por certas classes sociais, gêneros ou culturas nacionais particulares, enquanto somos levados a sentir desprezo irrefletido por outras (SOUZA, 2016, p. 34)

No momento da sobremesa, Carlos pede a Val o sorvete de chocolate com amêndoa. Ela pergunta, espantada: - “O de Fabinho?!”. Carlos diz: - “De Fabinho... Tudo aqui é nosso, é da Jéssica...”. Val replica: - “O sorvete de Fabinho?!”. Carlos diz: - “O sorvete de chocolate com amêndoa”. Extremamente contrariada, Val busca o sorvete. Aqui podemos observar duas construções que a vida de oprimida legaram a Val: 1) O respeito à hierarquização histórica do Brasil, proveniente da escravidão, como já discorreremos bastante nos últimos parágrafos; 2) A dedicação de um cuidado maternal ao filho do patrão, a despeito da maneira como age em relação à sua filha biológica. Sua cumplicidade com Fabinho gera uma atenção especial com os mimos, manias e idiossincrasias do garoto que, além de substituir Jéssica no âmbito afetivo diário, cria a partir de sua relação com Val uma mistura difícil de “decupar”, mesmo no campo da análise científica: a dicotomia amor/exploração entre os filhos das elites e suas “mães” oprimidas.

A seguir, Edna e Val estão conversando sobre a situação vivida no almoço do patrão. Quando Edna tece uma crítica a Jéssica, Val diz: - “Edna, fazendo o favor, sou eu que estou

falando de Jéssica. Não é pra tu falar de Jéssica. Eu estou falando de Jéssica.”. Por mais que Val não aceite a maneira como Jéssica se coloca, ela não admite ouvir o mesmo da boca de Edna. Diante disso, algum tempo depois, Val diz novamente que aquele sorvete de chocolate com amêndoa é de Fabinho e complementa: - “Quando eles oferecem alguma coisa que é deles, é por educação. É porque eles têm certeza que a gente vai dizer não. (...) Se for pra tomar sorvete é desse (*mostrando uma caixa de sorvete mais simples*), que é o nosso”.

No caminho contrário do que gostaria sua mãe, Jéssica aceita a proposta de Carlos em visitar o Edifício COPAN, projetado por Oscar Niemeyer. No entanto, a aproximação aparentemente horizontal de Carlos na direção de Jéssica, se mostra vertical no passeio. Quando a menina o agradece pela oportunidade abraçando-o, ele transforma esse abraço numa tentativa erótica de aproximação, assediando Jéssica. Algo que poderia ser apenas entendido como uma aproximação fora do tempo e do contexto, explicita o poder de opressor que Carlos pensa sentir sobre Jéssica, a filha de sua funcionária. Sem que Jéssica tenha lhe dado indícios de um intuito erótico com relação a ele, Carlos age sem pudores em seu afã. Imagina que a menina oprimida poderia aceitar a investida do opressor. Mesmo que a carência de Carlos fale mais alto e a presença de Jéssica seja um alento para uma vida sensaborona, sua aproximação com relação à garota passa a exprimir a opressão da luta de classes. Mais adiante, Carlos pedirá Jéssica em casamento, sem que nenhuma prerrogativa, novamente, indique aceitação. Quando ele se ajoelha e faz esse pedido, eles nunca tiveram qualquer relação amorosa ou parecida com isso. Mais do que um ato ridículo – depois ele finge que foi uma brincadeira – é mais uma forma de oprimir e remete a tempos longínquos de nossa sociedade tradicional. Com resquícios aristocratas.

2.3 – O ÓDIO SEM PUDORES

Após observarmos as distinções de comportamento, bastante definidos pela distância geracional entre Val e Jéssica, começamos a terceira parte da análise focada em *Que Horas Ela Volta?* a partir da emblemática sequência que se dá ao redor da piscina, simultaneamente à volta de Bárbara à mansão após ter sofrido um acidente de carro. Quando Jéssica faz um comentário sobre a limpeza da água da piscina, Val diz, de maneira assertiva: - “Não vá olhando pra essa piscina não Jéssica. Isso aí não é pra teu bico não”. Após Jéssica perguntar se sua mãe já havia nadado na piscina, Val segue: - “E eu vou nadar na piscina da casa dos

outros, gente?! (...) E se um dia eles lhe chamarem pra cair nessa piscina tu vai dizer “*não tenho maiô, num posso*”. Compreendeu?”. Logo em seguida, chegam à beira da piscina Fabinho e seu amigo, Caveira. Jéssica sustenta a ordem dada por sua mãe, mas Fabinho e Caveira a molham, brincando, e jogam a menina na piscina.

Logo em seguida chegam à casa Bárbara e Carlos. Bárbara imediatamente pergunta quem tá na piscina, Val responde que lá estão Fabinho e Caveira. No entanto, ao ouvir uma voz feminina, Bárbara pergunta se Jéssica também mergulhou. A patroa acidentada fica claramente contrariada com a constatação. Imediatamente, Val grita a Jéssica para que ela saia da piscina. Embora os dois meninos e ela estejam claramente se divertindo, Carlos reclama com Fabinho, e, mais adiante, mesmo lesionada, Bárbara vai até a varanda para recriminar Fabinho: - “Tira ela daí!”, e para dizer as seguintes palavras a Jéssica, após Val ordenar que a menina saia da piscina: - “Dá pra obedecer a sua mãe que ela tá falando com você! Obedece a sua mãe!”.

Diante da cena relatada, constatamos o quão emblemática é essa cena, que ainda terá desdobramentos. A questão da piscina representa um espaço de recreação das elites, não devendo ser dividida com a “plebe”. Basta observarmos as normas dirigidas às babás acompanhantes (sempre de branco) nos diversos clubes de elite do Brasil.

A rotina invisível das dezenas de babás que frequentam o Country Clube, um lugar inspirado nas aristocráticas agremiações de cavaleiros da Inglaterra, não importaria a ninguém não fosse a expulsão de uma delas no sábado, dia 20, do banheiro local. A babá em questão estava ali ajudando a dar banho nas três filhas (de 5, 7 e 10 anos) de um dos sócios. O caso foi exposto na coluna de Ancelmo Gois, de *O Globo*, e montou-se uma polêmica monumental. Enquanto o mundo do século XXI discute a criação de banheiros para transexuais, no Rio do século XIX as babás dos herdeiros dos sobrenomes mais nobres da cidade não podem se misturar com suas patroas. É norma da casa, o banheiro é “exclusivo para sócias, que deixam lá seus pertences”, justificou o clube. (MARTÍN, 2016)

As elites não aceitam dividir seus espaços de prestígio com a classe oprimida. Chegam a ter nojo da presença daqueles que oprimem. Essa situação que vivemos no Brasil e que - além de observarmos em *Que Horas Ela Volta?* - também verificamos em “A vida de uma babá no clube mais seletivo do Rio de Janeiro” (MARTÍN, 2016), remete às restrições impostas aos negros nos EUA durante boa parte do século XX.

Diante do ódio causado em Bárbara pela presença de Jéssica na piscina da casa grande, a matriarca liga para Cláudio, responsável por cuidar da piscina, para que ele vá esvaziá-la.

Mais adiante, Bárbara dirá que viu um rato na mesma. Essa será a justificativa. No entanto, Jéssica perguntará a Fabinho: - “Tu acha que eu sou um rato?”. O ato objetivo de Bárbara em ordenar que se esvazie a piscina, é um dado fundamental para a diferenciarmos dos personagens Hugo e Sônia, de *Casa Grande*. Por um lado, Hugo e Sônia apenas desprezam seus serviçais, a ponto de Sônia revistar os objetos de Rita, depois a demitindo, mas sem demonstrar raiva em nenhum momento. Mais adiante manifestam suas discordâncias, em relação à Luiza, perante as observações ácidas e elitistas de Wilton e Lia, como uma forma de exibir um princípio do que chamamos aqui de ódio de classe, mas ainda latente. Já Bárbara demonstra em seus atos, especialmente a partir deste momento da narrativa – a presença de Jéssica na piscina – uma raiva irracional, um ódio aos poucos sem pudores. Hugo e Lia, mesmo prezando pelos seus privilégios, mantêm a etiqueta de classe média para sustentar o status que a derrocada financeira ameaça. Esse contraponto – Hugo e Sônia/Bárbara – é muito importante para compreendermos o movimento de despudoramento da classe média brasileira com relação ao seu próprio ódio de classe durante o decorrer dos governos do PT.

O evento da piscina é de tamanha importância para a trama de *Que Horas Ela Volta?*, que, a partir deste momento, Jéssica volta a insistir com Val que elas têm que sair da casa dos seus patrões. E questiona a mãe: - “Não sei onde é que tu aprendeu essas coisas que fica falando... *“não pode isso, não pode aquilo”*. Tava escrito em livro, como é que é? Quem te ensinou? Tu chegou aqui e ficaram te explicando essas coisas...” E Val responde: - “Isso aí ninguém precisa explicar não, a pessoa já nasce sabendo. O que que pode e o que que não pode”. Voltamos às hierarquias inconscientes e falaciosamente natas da cultura escravagista brasileira. Jéssica e Val vão para o bairro do Campo Limpo (periferia de São Paulo), mas antes se despedem de Bárbara que, enojada, diz: - “Boa sorte no vestibular”.

A tentativa de mudança de Jéssica e Val é frustrada. Mesmo com a postura reativa da filha, que sente o ódio de Bárbara e não está acostumada, Val pede aos patrões para elas voltarem. Bárbara, em inglês, diz para Carlos: - “The gracious little daughter is back”. Aqui o ódio de Bárbara exclui Val da conversa através da língua estrangeira e é direcionado para Carlos, já que ele é o verdadeiro dono da casa. A anglofonia, além de excludente, é privilégio dessa pequena burguesia que, além de tudo, admira o mundo que fala a língua dos britânicos e ianques. Bárbara “aceita” o retorno, mas não aceitará a jovem nordestina na casa grande. Logo, ela inventará que uma hóspede está chegando para ocupar o quarto.

Jéssica diz que aquilo é “pior que a Índia”. Val responde que a filha se acha melhor

que todo mundo. A menina responde: - “Não me acho melhor não, Val. Eu só não me acho pior, entendesse”. Jéssica não se resigna. Aos poucos parece mais fácil Val ser transformada. Ao pegar o famoso “sorvete de Fabinho” sorrateiramente no congelador, Jéssica é flagrada por Bárbara que diz, baixo e como se não tivesse interlocutor: - “Por isso que o sorvete do Fabinho acaba, né...”. Ao chegar na cozinha, Val retira o sorvete das mãos de Jéssica e escuta de Bárbara mais adiante: - “Pode não parecer, mas essa casa ainda é minha. (...) Enquanto ela tiver aqui, eu queria te pedir pra prestar atenção, pra deixar ela da porta da cozinha pra lá”. Quando Val informa Jéssica deste fato, a menina arruma as suas coisas e sai do condomínio, em meio à chuva e na véspera do vestibular. Val, desesperada, tenta impedi-la. Mas não obtém sucesso.

O chamado bloco do poder real, não o cara que está lá no governo, mas os que sempre detiveram o poder, sempre tentaram manter as coisas da maneira como sempre foram. É como diz um amigo meu, a escravidão aqui não acabou. Essa é a maneira de pensar a relação com os outros, com os de baixo... (...) Eles chamam os mais pobres de “essa gente”. Não foi só a redistribuição de renda para os mais pobres que foi inaceitável. Inaceitável é estar na Presidência da República alguém que representa “essa gente”. Aqui não pode. Nunca teve democracia no Brasil. (BELLUZZO, 2016, p. 32)

O interesse de Bárbara e Carlos, especialmente da primeira, em saber se Fabinho “foi bem” no vestibular, destoa da maneira como eles se relacionam com o filho no resto da narrativa. É uma rara participação em prol do que seria o melhor para seu filho. Já Val gostaria de estar participando desse dia tão importante para Jéssica, mas, como sempre aconteceu na vida de sua filha, foi privada pela conjuntura. Diante disso, é ela quem vai consolar o “filho de criação” quando ele descobre que foi mal na prova.

Após receber uma ligação, Val descobre que Jéssica passou no vestibular e, tomada por enorme alegria, vai contar a boa nova para Bárbara e Fabinho. Os dois reagem chocados. O ódio de classe transborda. Bárbara diz: - “Ô Val, mas aqui, não fica muito animada, porque foi a primeira fase. Vai ter outra prova... A segunda fase é muito mais difícil, né... (...) Não... É muito bom, mas tem que passar na outra fase, entendeu? Não adianta, se não passar na outra fase também...”. Fabinho diz: - “Não acredito...”. Fabinho abraça sua mãe biológica, se sente humilhado. A classe média teme a entrada dos filhos de seus explorados no mercado de trabalho especializado. Em quem vão pisar se isso continuar acontecendo?

Por seu turno, as camadas médias tradicionais olhavam para a frente e viam os ricos se distanciarem; olhavam para trás e viam os pobres se aproximarem. Sua posição relativa se alterou desfavoravelmente. Se os

rendimentos dessas camadas médias não perderam poder de compra medido em bens materiais, perderam-no quando medido em serviços.

O verdadeiro shopping center das camadas médias brasileiras sempre foi o mercado de trabalho. A abundância de mão de obra barata lhes garantia privilégios inexistentes no núcleo duro do sistema. A empregada barata, a babá barata, o motorista barato. Serviços domésticos em quantidade eram a grande compensação pela falta de serviços públicos de qualidade. (HADDAD, 2017, p. 33)

Outros aspectos do PNE⁹ foram observados por Lula, que expandiu como nunca o acesso à educação superior, profissional e infantil das famílias de baixa renda. Transformou-se no “barão da ralé”. (HADDAD, 2017, p. 35)

As políticas dos governos petistas de assistência social, transferência de renda, de cotas sociais e raciais e de estímulo ao estudo universitário significaram talvez o maior esforço de inclusão social da classe marginalizada no nosso país. (...) ajudou-se a mostrar que nenhuma classe, nem mesmo a dos “indignos”, está condenada para todo o sempre. Ainda que a linha de continuidade da “indignidade” se construa desde a socialização familiar precária, que por sua vez condiciona a precariedade da socialização escolar (SOUZA, 2016, p. 82)

A descrença de Val na possibilidade da vitória nordestina fora do regime herdeiro da escravidão brasileira se transforma com o resultado de Jéssica na primeira fase do vestibular, principalmente se comparado ao desempenho de Fabinho, um rapaz que sempre teve tudo ao seu alcance. Essa transformação mexe com os questionamentos e com a auto-estima de Val e tem como ato símbolo a primeira entrada dela na piscina que sempre esteve ao seu lado, mesmo que essa esteja com pouca água. Neste momento, emocionada, ela liga para a filha e diz: - “Jéssica, fia (*ri*), oi é mainha. Eu tô ligando pra dar boa noite (*ri novamente*). Eu tô ligando pra dar boa noite, pra dizer que eu tô muito orgulhosa de tu... Agora, adivinha onde é que eu tô? (*gargalha*) Ó... (*faz barulho com a água*). Tá ouvindo, ó... Tô dentro da piscina! (*ri ainda mais*) é... Eu tô! Eu tô muito feliz, visse! Um cheiro... Óia, mainha lhe ama! Um cheiro.” E segue brincando, como uma criança, na água.

Programas de transferência de renda e aumento expressivo e real do salário mínimo, aliados a uma maior facilidade de crédito, dinamizaram a economia de baixo para cima. Nesse contexto (*segundo governo de Lula*), as políticas de acesso à educação para todos foram, antes de tudo, o ponto que me parece mais importante. O aumento expressivo de universidades públicas e de escolas técnicas federais possibilitou um ancoramento institucional fundamental para a ampliação do acesso das classes populares ao capital

9 PNE – Plano Nacional de Educação de 2001. Aprovado pelo Congresso Nacional, o plano previa a universalização, em seis anos, do primeiro programa federal de transferência de renda. O Presidente Fernando Henrique Cardoso vetou o dispositivo, alegando falta de fonte orçamentária. (HADDAD, 2017, p. 35)

cultural. (SOUZA, 2016, p. 52)

Enquanto Jéssica se aproxima da FAU, Fabinho tem como “premiação” ao seu desempenho no vestibular um período morando na Austrália, um país que também poderia ser conhecido como filial da anglofilia. Assim como assinalado em “Desafios Brasileiros na Era dos Gigantes” (GUIMARÃES, 2005), o individualismo e a busca das nossas elites por obter capital cultural e status, ampliando a desigualdade brasileira, tem, como um de seus pontos característicos, enviar seus filhos para estudar no exterior. De certa forma, como já dissemos, até nisso os governos dos últimos anos tentaram mexer, via programa *Ciência Sem Fronteiras*. As elites, em especial a classe média, não iriam aceitar. Diante da saída, pelo menos temporária, de Fabinho da casa dos pais, Val recebe o empurrão que faltava para abandonar o seu emprego de explorada por uma família da qual ela é “praticamente” membro.

Jéssica e Val agora moram juntas no Campo Limpo. Ao lembrar de sua infância, Jéssica repete a fala de Fabinho no início do filme: - “Que horas que ela volta?”. Mas hoje é Jéssica quem deixou um filho em Pernambuco e foi em busca do destino em São Paulo, mesmo que este destino seja mais promissor que o de sua mãe quando a deixou. As histórias do êxodo nordestino se repetem. Mesmo em contextos diferentes, Jéssica fez o mesmo que Val. Mas, agora, é Val quem não quer que o passado se repita, nem como farsa. Ao se demitir e ir, de vez, ao encontro da filha, ela leva o jogo de servir café com o qual havia presenteado Bárbara e, agora sim, o utilizará em ocasiões especiais. Val diz para Jéssica buscar seu neto e levá-lo para São Paulo, pois ela cuidará dele como não cuidou da filha: - “Vá buscar Jorge”. A inclusão transformou Jéssica e Jéssica transformou Val. Com os pais de Jéssica no Planalto, os oprimidos do Brasil, se não deixaram de ser oprimidos, ao menos foram mais otimistas e viram alguma luz no fim do túnel.

Os contrapontos entre Jéssica/Fabinho, Jéssica/Val e Bárbara/Hugo e Sônia, nos fazem chegar ao final deste capítulo com melhor clarividência sobre a desigualdade no Brasil e as linhas de tensão, motivadas por nossa tradição escravista, que nos levam ao ódio de classe.

“As babás são nossas amigas. A mesma babá que cuidou do meu filho cuida hoje do meu neto”, diz uma veterana sócia do clube que não quer se identificar. “Mas aqui deve ter uma ordem”. Essa ordem parece ser quebrada quando algumas babás fazem “coisas absurdas”. Entre elas, não dar descarga depois de fazer xixi, deixar a tampa do vaso aberta ou dar um grito ao perder a paciência com as crianças. Outras, inclusive, relata a senhora, pedem “a melhor comida” dizendo que é para os meninos, mas são elas que acabam comendo. “A proibição de entrar no banheiro não é para humilhar, é pela ordem para que não vire uma bagunça. Algumas babás não têm educação”,

explica a sócia. (...) O tom combativo, mas resignado de Gabriela, quebra-se de vez no final da conversa, quando questionada sobre o tempo que ela passa com seus filhos, longe das piscinas e das quadras de tênis. Ela chora. “Perdi o aniversário do meu filho. Era o dia das mães, e eu estava aqui no clube. Trabalhando”. (MARTÍN, 2016)

CONCLUSÃO

Podemos observar que, por mais que sejam fábulas, tanto *Casa Grande* quanto *Que Horas Ela Volta?* representam muito bem o que se viu no Brasil nos últimos anos - no que tange à relação entre a pequena burguesia, ou classe média, e as camadas oprimidas do país. Esse raciocínio vale também para os dois filmes de Kleber Mendonça Filho citados na introdução. Dado este fato, podemos crer, ao olharmos para personagens como Jean, Fabinho, Val, Rita, Bárbara, Hugo, Carlos, Sônia, Nathalie, Edna, Severino, Noêmia, Catulé, Wilton, Lia, Luiza, Jéssica, entre outros, que estamos olhando para aqueles que cruzam conosco nas grandes cidades brasileiras, especialmente nos bairros de elite. Os que moram nesses bairros e os que demoram horas diárias para chegar e sair deles.

No entanto, por mais que tenhamos conseguido assinalar diversas evidências da ascensão do ódio de classe no Brasil, não só através dos filmes, mas também dos autores referenciados e de casos notórios que observamos, a afirmativa de que o Brasil viveu uma ascensão de ódio de classe e que este movimento foi um dos principais propulsores do golpe de estado de 2016 não é algo possível de se comprovar empiricamente, com 100% de certeza para qualquer tipo de observador. É uma matéria que consideramos comprovada neste estudo, mas que pode sofrer ataque dos mais céticos ou, principalmente, dos detratores do campo político aqui defendido, o campo que se coloca ao lado dos oprimidos na luta de classes. Por se tratar de uma análise sócio-política, referenciada pelo campo artístico, é uma análise sujeita às possibilidades da dialética.

Por outro lado, determinados comportamentos que se repetem nas descrições, tanto do autor do estudo, quanto dos autores referenciados, ou nas narrativas das produções cinematográficas, são provas cabais de um inconsciente coletivo que nos levou, como em outros momentos da história brasileira, a estar totalmente nas mãos da “elite do dinheiro” nacional e do capital estrangeiro, que transforma em títeres os plutocratas do Congresso Nacional, os gerontocratas representantes de uma política ultrapassada, a grande mídia e, principalmente, a classe média brasileira. Todo este grupo faz com que a maior parte da população brasileira, a massa oprimida, volte a se aproximar ainda mais do período escravocrata. Porém, a classe média também observa que “o tiro saiu pela culatra”. Ela paga o preço de suas ações e preconceitos nos últimos anos, hoje já gritando, em sua maioria, o bordão “Fora Temer”.

Apesar de o ciclo econômico virtuoso ter dinamizado a economia como um todo, muitos, especialmente na classe média tradicional, não gostaram de ter de compartilhar espaços sociais antes restritos com os “novos bárbaros” das classes populares ascendentes. Multiplicavam-se reclamações contra os aeroportos que haviam se tornado ruidosos e cheios como antes só acontecia com as rodoviárias; os adolescentes das classes ascendentes eram percebidos como invasores em shopping centers antes exclusivos da classe média real, nos episódios conhecidos como “rolezinhos”; a entrada de milhões de novos motoristas no trânsito das grandes cidades provocava preconceito de classe. Existia um desconforto difuso na classe média tradicional que não pode ser apenas compreendido com motivos racionais. Em grande medida, a maior proximidade, tanto física quanto de hábitos de consumo, entre classes sociais que guardavam antes enorme distância precipitou e explicitou publicamente um racismo de classe antes silencioso e exercido somente no mundo privado. (SOUZA, 2016, p. 82-83)

Se retirar do poder o Partido dos Trabalhadores era um objetivo, que foi alcançado, o que se viu foi um desespero recente da classe média. Enganada pelo resultado do *impeachment*, a pequena burguesia se encontrou numa situação pior do que antes: se há algum tempo ela sentia a perda do status e um isolamento, enquanto a “elite do dinheiro” enriquecia e os pobres ascendiam, agora ela observa que as novas legislações que retiram direitos da classe trabalhadora, também afetam grande parte da classe média brasileira. Em meio a isso, ressurge o nome de Lula como franco-favorito à vitória nas próximas eleições presidenciais. Enquanto os pobres já fizeram a sua escolha, a classe média tende a, novamente, lutar contra si tomada pelo senso moral anti-corrupção. Ou, na verdade, exercer seu ódio de classe tradicional, desta vez contra Lula.

Originário de Pernambuco, o ex-operário Luiz Inácio Lula da Silva chegou à Presidência. Lula é um conciliador típico, e o foi especialmente no seu período enquanto Presidente da República, quando beneficiou extremamente os banqueiros e uma grande parcela dos empresários da “elite do dinheiro”, enquanto colocava os pobres no orçamento e executava políticas de inclusão. Esses fatos, aliados a alguns outros, o afastam do ideário marxista ou leninista, mas o colocam num lugar ímpar da história brasileira: aquele que olhou pros pobres – mesmo mantendo a hierarquia tradicional brasileira – conhecendo a realidade deles na prática. E melhor, falando a “língua do povo”. Esse cenário, em comparação com o atual, o coloca num lugar de “salvador da pátria” para muitos – um personalismo perigoso, porém o único remédio para a crise atual sem fim – e como alguém a ser combatido por outros.

As coalizões social-liberais, que não rompem com os fundamentos do

“Consenso de Washington”, mas realizam várias medidas sociais progressistas. O princípio básico desse tipo de governo é fazer tudo o que é possível para melhorar a situação dos pobres, com a condição de não tocar nos privilégios dos ricos... Os governos de esquerda ou centro-esquerda do Brasil (antes da crise atual), do Uruguai e do Chile são exemplos evidentes desse modelo. (LÖWY, 2016, p. 62)

Nos últimos anos tentou-se comprovar o envolvimento de Lula, através da Operação Lava-Jato – assim como já ocorrera no chamado “Mensalão”¹⁰ – em diversas transações vultosas, tais quais observamos nos números envolvendo políticos como Sergio Cabral Filho, Geddel Vieira Lima, Aécio Neves e o antigo aliado de Lula, Antonio Pallocci. No entanto, o máximo que se conseguiu foi envolvê-lo em casos referentes a um sítio em Atibaia ou a um apartamento no Guarujá. Neste segundo caso, mesmo com a comprovação de que o imóvel não era do ex-presidente, ele foi condenado em primeira instância pelo Juiz Federal Sergio Moro, de Curitiba. O intuito é apenas um: com uma eventual condenação em segunda instância, pelo colegiado do Tribunal Regional Federal da Quarta Região, em Porto Alegre, Lula estaria impedido de ser candidato em 2018, de acordo com a Lei da Ficha Limpa. A condenação de Lula é política, não moral. Também é preconceito de classe, também é golpe. Aliás, é uma continuação ainda mais grave do golpe de 2016. Diante desse contexto, se tornou célebre a frase do Promotor do Ministério Público Federal, também de Curitiba, Deltan Dallagnol, sobre a culpabilidade de Lula em processos geridos pela Operação Lava-Jato: - “Não temos provas, mas temos convicção”.

“A construção da percepção da corrupção no Estado como sinal de inteligência e vigor moral permite revitalizar a desigualdade de fato e tentar torná-la legítima” (SOUZA, 2016, p. 84).

É dialeticamente importante ressaltar, novamente, que o Partido dos Trabalhadores não propôs uma agenda mais radical em termos marxistas, embora seja claro que todo tipo de agenda de esquerda marxista na América Latina enfrenta oposições de uma força descomunal, apoiadas, em geral, pelo capital norte-americano. Mas, a despeito disto, os casos recentes de Venezuela, Bolívia e Equador mostram projetos distintos do projeto petista. Além disso, não

10 “Mensalão” - Seria o pagamento de propina a parlamentares no intuito de votarem com o governo, neste caso, no primeiro mandato do Presidente Lula, de acordo com as afirmativas do ex-deputado Roberto Jefferson. Se tornou também apelido da Ação Penal 470, tanto que até alguns ministros do STF repetem o termo. Embora o processo tenha desvelado casos importantes de corrupção envolvendo o financiamento de campanhas de aliados do governo no primeiro mandato de Lula, a chamada propina mensal não foi comprovada como descrita por Jefferson. Mesmo assim, o apelido continuou mais notório que o nome oficial da ação judicial.

há dúvidas de que o discurso moralizante sempre apropriado pelos conservadores no Brasil, também foi uma bandeira histórica do Partido dos Trabalhadores, mas que hoje não se sustenta. Para se manter forte no contexto do chamado “Presidencialismo de Coalizão”, o PT teve de construir alianças que destoavam de sua base histórica, também revelando gananciosos e corruptos políticos em meio às suas fileiras. Mas ainda pior foi, em determinado momento, ter abandonado a sua base social, tão importante para transformá-lo no partido da Presidência da República e no maior partido de esquerda do mundo – exceção feita aos países unipartidaristas.

Se o ódio de classe ainda está aí, pelo menos este estudo serve para ajudar a destrinchá-lo enquanto o Brasil segue sendo a nação do patrimonialismo. No entanto, o que foi chamado por SOUZA de “capital cultural” (2016, p. 59), tão prezado pela pequena burguesia brasileira, está sendo usado por mim – filho da classe média – neste trabalho, como uma forma de desfraldar as injustiças provenientes de uma hierarquia com a qual me acostumei desde criança. Mas o tal “capital cultural” ou, pelo menos, intelectual, me ajudou a questionar essa hierarquia.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas:

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *In*: VASCONCELOS, Frédi. Com a divisão quem perde é o Brasil. **Caros Amigos**, São Paulo, Março de 2016. p. 30-32.

CHAUÍ, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. *In*: JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim, CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. p. 15-22.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era dos gigantes**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

HADDAD, Fernando. Vivi na pele o que aprendi nos livros. Um encontro com o patrimonialismo brasileiro. **Revista Piauí_129**, Rio de Janeiro, São Paulo, junho de 2017. p. 28-37.

KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. 3. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2015.

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. *In*: JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim, CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. p. 61-67.

MARTÍN, María. A vida de uma babá no clube mais seletivo do Rio de Janeiro. **El País**, Rio de Janeiro, 1 de junho de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/27/actualidad/1464300764_523657.html. Acesso em: 28 de novembro de 2017.

MIGUEL, Luiz Felipe. A Democracia na encruzilhada. *In*: JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim, CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. p. 31-37.

SIMAS, Luiz Antônio. Brasil: um tremendo sucesso. **Justificando**, São Paulo, 13 de abril de 2017. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/04/13/brasil-um-tremendo-sucesso/>. Acesso em: 28 de novembro de 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

TIBURI, Marcia. A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. **Revista Cult**, São Paulo, 20 de julho de 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/maquina-misogina-e-o-fator-dilma-rousseff-na-politica-brasileira/>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

VASCONCELOS, Iara. Casa Grande: Cineasta Fellipe Barbosa fala sobre o filme destaque do cinema nacional. **Cineclick**, 2015. Disponível em: www.cineclick.com.br. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? - Spread Bancário. **IPEA – Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, 1 de dezembro de 2004, Ano 1, 5. ed. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2051:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 28 de novembro de 2017.

Referências filmicas:

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux, Michel Merkt, Saïd Ben Saïd. Recife/Paris: CinemaScópio, SBS, 2016.

CASA GRANDE. Direção: Fellipe Gamarano Barbosa. Produção: Iafa Britz. Rio de Janeiro: Migdal Filmes,

2014.

O SOM AO REDOR. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. Recife: CinemaScópio, 2013.

QUE HORAS ELA VOLTA? Direção: Anna Muylaert. Produção: Fabiano Gullane, Caio Gullane, Débora Ivanov, Anna Muylaert. São Paulo: Gullane Filmes, África Filmes, Globo Filmes, 2015.

RELATOS SALVAJES. Direção: Damián Szifron. Produção: Agustín Almodóvar, Esther García, Hugo Sigman, Matías Mosteirín, Pedro Almodóvar. Buenos Aires/Madrid: El Deseo S.A., Kramer, 2014.

Referências fotográficas:

Reprodução/Facebook. Claudio Pracownik com a família em manifestação em Ipanema *in* Vice do Flamengo rebate críticas por foto com babá em protesto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de março de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/vice-do-flamengo-rebate-criticas-por-foto-com-baba-em-protesto-18867132>. Acesso em: 23 de novembro de 2017.